

MARCOS MASSANOBU MORI

APOSENTADORIA E TRABALHO:
Investigação sobre a (re)inserção do idoso no
mercado de trabalho

MESTRADO EM GERONTOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
SÃO PAULO
2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MARCOS MASSANOBU MORI

APOSENTADORIA E TRABALHO:
Investigação sobre a (re)inserção do idoso no
mercado de trabalho

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção de título de Mestre em Gerontologia, sob orientação da Profa. Dra. Vera Lúcia Valsecchi de Almeida.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
SÃO PAULO
2006

Ficha Catalográfica

Mori, Marcos Massanobu

Aposentadoria e Trabalho: investigação sobre a (re)inserção do idoso no mercado de trabalho/ Marcos Massanobu Mori. São Paulo: M. Mori, 2006. 110 p.

Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Programa de Estudos Pós-graduados em Gerontologia.

I. Título. II. Do homem e do trabalho III. Da velhice
IV. Idoso no mercado de trabalho V. Pesquisa

Banca Examinadora

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação , por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: _____

Local e data: _____

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Yoshio Mori e Shizuka Mori, pelo ensino do caminho correto, do trabalho e da honestidade;

Aos meus filhos Emi e Vitor que trouxeram alegria e complemento à minha vida;

À minha esposa Cecília, por batalharmos juntos.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Vera Valsecchi de Almeida, pela orientação, apoio e amizade.

À Profa. Dra. Suzana de Rocha Medeiros, pelo apoio.

À Profa. Dra. Elisabete Mercandante, pelas valiosas sugestões.

Ao Dr. Luciano Ricardo Giacaglia, pelas sugestões no embasamento da pesquisa.

A todos do Recursos Humanos, pela colaboração e convivência.

Aos colegas do Pronto Atendimento pela convivência.

Aos idosos entrevistados que participaram deste trabalho de forma espontânea, expressando suas opiniões.

A todos que diretamente ou indiretamente contribuíram na realização deste estudo.

MORI. M. M. Aposentadoria e trabalho: investigação sobre (re)inserção do idoso no mercado de trabalho. Dissertação (Mestrado em Gerontologia). São Paulo. Pontifícia Universidade Católica 2006, 110 p.

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo investigar a (re)inserção do idoso aposentado que trabalha e com seus ganhos pode afirmar seu status de consumidor, que contribui para a diminuição de sua rejeição social. Nos países desenvolvidos, as pessoas com 40 anos de idade têm menos oportunidades de emprego e transformando-se em vítimas do desemprego. A aposentadoria para elas representa a descontinuidade e uma ruptura frente às atividades desenvolvidas antes dela, além de causar empobrecimento. Neste estudo, foram entrevistados nove indivíduos aposentados que relataram suas dificuldades com o achatamento salarial que sofrem. Assim, precisam continuar no mercado de trabalho para ajudar a família e sobreviver. Esses indivíduos percebem a injustiça do sistema previdenciário e são conscientes dos problemas encontrados para permanecer ativo no mercado de trabalho. Foi possível concluir que o trabalho para o idoso aposentado proporciona prazer, faz com que se sinta útil e valorizado. Observa-se que o idoso permanece trabalhando para suprimir suas necessidades. No entanto, espera-se que no futuro ele possa sonhar com um mundo onde a velhice e a apropriação do direito de trabalhar sejam “coisas do passado”.

Palavras- chave: do homem e do trabalho; da velhice; idoso no mercado de trabalho; pesquisa.

MORI.M.M Retirement and work: investigation about (re)insertion of the Elder in the job market. Dissertation (Mastership on Gerontology) São Paulo, Pontifícia Universidade Católica, 110 p.

ABSTRACT

The purpose of this study was to investigate the (re)insertion of the retired elder that Works and whit his/her dreams dan assure his/her consumer status that contributes to the decrease of his/her social rejection. In the developed countries, people over 40 years old have less job opportunities turning into victims of unemployment. Retirement to the represents discontinuity and a rupture with the activities developed before it, besides causing poverty. In this study, nine retired individuals were interviewed that declared their difficulties with the lower salary that they earn. Thus, they need to continue in the job market to help their family to survive. These individuals realize the injustice of the social welfare and know the problems found to stay active in the job market. It was possible to conclude that working gives pleasure to the retired elder, makes him feel useful and valued. It is observed that the elder remains working in order to maintain his/her needs. However, it is hoped that in the future he/she can dream of a world where oldness and expropriation of the right to work are "history".

Key words: of man and work; of oldness; elder in the job market; research.

SUMÁRIO

Introdução	01
Capítulo I. O Contexto: aproximações ao tema	04
Capítulo II. Do Homem e do Trabalho	07
1. O Trabalho: algumas incursões históricas	16
2. O Trabalho na Sociedade Moderna	21
3. Qualidade de Vida no Trabalho	30
Capítulo III. Da Velhice	33
1. A Velhice na Sociedade Moderna	33
2. O Envelhecimento no Mundo e no Brasil	39
3. Velhice e Qualidade de Vida	41
4. O Idoso e o Trabalho	44
5. Representações da Aposentadoria	47
Capítulo IV. O Idoso no Mercado de Trabalho	54
Capítulo V. A Pesquisa de Campo	60
1. Do local e dos sujeitos	61
2. Da coleta de dados	62
3. Perfil dos Entrevistados	64
4. Resultados	67
Considerações Finais	81
Bibliografia	85
Anexo 1: Roteiro de Entrevista	96
Anexo 2: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	97
Anexo 3: Entrevistas	98

INTRODUÇÃO

Na atualidade, a velhice tende a ser concebida como uma fase negativa da existência; como etapa de dificuldades, de estagnação e declínio; enfim, como período em que a pessoa não tem mais nada a fazer e realizar.

Poder-se-ia afirmar que, apesar de todo desenvolvimento científico, insiste-se em definir a velhice tão somente como um fenômeno biológico. Como afirma Minois, a “*medicina contemporânea se debruça cada vez mais com maior atenção ao assunto (velhice), para compreender [...] o seu mecanismo*”. (1999:11).

Longe de se furtar à discussão dessas concepções, hoje tão solidamente estabelecidas, Beauvoir (1990) lembra que a velhice comporta uma dimensão existencial, porque altera a relação da pessoa com o tempo, com o mundo e com a história pessoal. Enfatiza, também, que a velhice não é só um fato biológico, mas um fato da sociedade e da cultura; ao que acrescentaríamos: um fato também individual - há velhices, não velhice!

De qualquer modo, não há como negar que, para os que não são velhos, a velhice é uma realidade temida, sendo desconsiderada, desprezada e vista como um mal incurável. (Minois,1999)

Foi só no século XIX, na França, que a velhice passou a ser objeto de um tratamento social; paralelamente, a transformação da velhice em objeto de conhecimento das Ciências Sociais teve de esperar as últimas décadas do século XX para deslanchar. Para tanto, foi decisivo o acelerado crescimento da população de mais de 60 anos; um crescimento que ganhou os contornos de uma verdadeira questão social¹. (Varella,2003)

No intuito de recolocar as coisas em seus devidos lugares, Minois, baseado em levantamentos e pesquisas, afirma que a idade “*não é empecilho para o crescimento e o desabrochar de criatividade*”. (1999:18)

Por outro lado, não há como desconsiderar o fato de que os idosos são, hoje e em muitas sociedades, a grande força de sustentação das famílias, sobretudo porque existem muitos pais desempregados. Desse modo, os

¹ Aqui entendida, conforme definição de Robert Castel, como “uma aporia, etc, etc.

idosos, com suas pensões e aposentadorias, passaram a se constituir na única fonte de renda familiar; eles “*exercem (um) papel econômico-social importante para o sustento da casa e manutenção de filhos e netos*”. (Cunha, 2002:8)

Para que a velhice seja vivida sem traumas, é preciso que se permita aos idosos externar suas opiniões e dialogar; acima de tudo, importa que se sintam socialmente úteis. Mas não é isto o que normalmente se vê. Como afirma Bosi,

Não se discute com o velho, não se confrontam opiniões com as dele, negando-lhe a oportunidade de desenvolver o que só se permite com amigos: a alteridade, a contradição, o afrontamento e mesmo o conflito. (1994:78)

Bosi (1994) pondera que, durante a velhice o ser humano deveria desenvolver atividades que não dependessem do tempo.

Assim, observamos que, na atualidade, já existem outras possibilidades de viver a velhice, como os grupos de Terceira Idade, as faculdades abertas para Terceira Idade, os passeios de lazer ou culturais, os trabalhos voluntários.

No Brasil, segundo o IBGE (2005), o estudo da população idosa começou na década de 1980, após a Primeira Assembléia Mundial das Nações Unidas (ONU) para Pessoas Idosas.

O plano de ação decorrente desta assembléia sugeriu, pesquisas sociais, econômicas e demográficas sobre a população idosa. Assim, a primeira contribuição do IBGE no período foi uma análise da velhice do ponto de vista demográfico. Em 1994, a consolidação da Política Nacional do Idoso incentivou a realização de pesquisas sobre a população idosa brasileira; para tanto, seguindo recomendação das Nações Unidas para os países em desenvolvimento, definiu-se como “idosa” a pessoa com 60 anos ou mais de idade.

Nos últimos anos, a ONU tem enfatizado a importância de o idoso permanecer ativo na sociedade e de poder viver com dignidade. Para tanto,

não podem ser desprezados os dados que tipificam nossa população idosa; dados relacionados à educação, à renda pessoal/familiar, às aposentadorias e pensões, à ocupação e à vida familiar. Destes dados, os relacionados às condições econômicas de existência – muitas vezes associados à necessidade do idoso aposentado retornar ao mercado de trabalho - certamente ocupam um lugar central; lugar este que é o tema central desta dissertação. Nela procuramos responder às seguintes indagações:

- O que leva o idoso aposentado à busca de um novo emprego ou à permanência no emprego anterior à aposentadoria?
- Qual a importância do trabalho na vida de idosos aposentados?
- Essa importância se resumiria à dimensão econômica, ou envolveria outros significados?

Dessas indagações decorreram os seguintes objetivos:

Geral:

- Investigar a (re)inserção do idoso aposentado no mercado de trabalho.

Específicos:

- Levantar dados relacionados ao perfil dos idosos aposentados que permanecem ou retornam ao mercado de trabalho
- Identificar os desafios enfrentados pelos idosos aposentados na manutenção e/ou na busca de um novo emprego;
- Identificar as atividades desempenhadas pelo idoso aposentado e o tipo de vínculo empregatício estabelecido;
- Levantar os significados do trabalho na vida de idosos aposentados.

CAPÍTULO I

O Contexto: Aproximações ao Tema

No contexto laboral, não são discretas as questões que, associadas à idade e relacionadas a alterações fisiológicas, a déficits cognitivos e a comprometimentos sociais, traduzem-se em estigma e discriminação, impondo incontáveis desafios para os idosos que – por opção ou necessidade – optam por se manter em atividade.

Segundo Goffman (1982), o estigma é uma via de mão dupla; ora o estigmatizado é visto como um ser humano como os outros, ora como um ser limitado, devendo, por isso, restringir-se à sua “condição” (uma condição socialmente imposta!). Estas palavras aplicam-se, de modo exemplar, aos idosos.

Restringir-se à “sua condição” significa submeter-se aos valores típicos de uma sociedade de consumo; uma sociedade que valoriza a juventude e que preza tudo que é “novo”; que enaltece o jovem pelo que representa em termos de atividade, sociabilidade, consumo e produtividade.

Trata-se de um ideário inerente à sociedade capitalista; sociedade alicerçada sobre os pilares da exploração do trabalho e da produtividade.

Nesse modelo de sociedade, as transformações corporais ligadas ao envelhecimento (obesidade, rugas, cabelos brancos, entre outras) emergem como marcas especialmente depreciativas; como “sinais” que anunciam a entrada em um “território” bastante afastado do “coração” da sociedade.

Não há como ignorar os estigmas que cercam o idoso aposentado; apreendido como “incapaz”, na medida em que nada tem a contribuir. Perdeu sua força de trabalho. Assim, ao corpo envelhecido associa-se, via de regra, as representações de improdutividade e de incapacidade.

Às pessoas que envelhecem e que não participam diretamente do processo produtivo é imposto, na sociedade urbano-industrial, o isolamento social. As relações sociais estabelecidas ao longo da vida se enfraquecem ou deixam de existir.

O idoso aposentado vê esgarçar-se seu círculo de amizades construído com base em suas relações de trabalho; vê diminuídas suas obrigações, à medida que outros membros da família passam a substituí-lo.

Associada à velhice, a aposentadoria é um dos fatores mais visíveis da última etapa da vida; uma etapa que poderia significar novos afazeres e novas adaptações.

Todo esse ideário soa estranho para alguém que, como eu, nasceu e cresceu em uma família de origem japonesa; família na qual os idosos permaneciam em suas atividades laborais até praticamente o fim da vida.

Cresci em um meio social no qual a velhice é concebida como um fato natural; como um fenômeno biológico inerente a todos os seres humanos. Mas bem sei que a situação se complica na sociedade e nos ambientes de trabalho em que vigoram crenças negativas a respeito das capacidades intelectuais e sociais das pessoas mais velhas.

Pensar o processo de envelhecimento significa fazer uma releitura dos conceitos de saúde, entendida, por Canguilhem (1995), como a capacidade que cada um de nós tem de consumir a própria vida.

Só não consome a vida quem já morreu; quem está vivo participa do espetáculo de consumo de vida! Assim, pensar a saúde, significa entender que o indivíduo precisa de condições para consumir e levar a vida de uma forma saudável e com qualidade.

Em minha atuação como médico tive – por sugestão de um colega – a oportunidade de fazer um curso de Medicina do Trabalho. Na ocasião, fui indagado sobre minha velhice, sobre o que faria quando não tivesse mais condições físicas para operar.

Ao concluir o curso, fui contratado pela Coldex Frigor, uma empresa metalúrgica, para exercer a função de médico do trabalho. Posteriormente, em 1986, fui contratado pelo Hospital Alemão Oswaldo Cruz, na cidade de São Paulo, para atuar como médico do trabalho, ofício que desempenho até o presente momento.

Em função de minha experiência profissional, comecei a notar não só o aumento de atendimento de trabalhadores idosos, como eram eles os que menos faltavam ao trabalho e os que menos reclamam do serviço.

Em um dos exames periódicos, uma recepcionista, de 64 anos, relatou ter vivenciado uma cena decepcionante por conta da idade. Um indivíduo, com ar de ironia, a recriminou por não encontrar uma caneta. Estava certa de que, se fosse mais jovem, seria mais respeitada.

Foi a partir dessa experiência que nasceu meu interesse em investigar a questão do idoso aposentado no mercado de trabalho, tema diretamente relacionado às transformações decorrentes de uma sociedade na qual a classe operária brasileira depara-se, ao envelhecer, com a impossibilidade de aumentar sua renda e seu patrimônio, dando início às lutas pela sobrevivência.

Sob as condições atuais, não há como minimizar a questão do idoso aposentado no mercado de trabalho; questão central – por tudo que envolve – no mundo moderno.

CAPÍTULO II

DO TRABALHO E DO HOMEM

Em sua aceção mais geral, o trabalho designa toda atividade de transformação da matéria natural em produto voltado à satisfação de necessidades humanas. Entre seus muitos significados, um parece destacar-se, qual seja, o de esforço repetitivo e rotineiro (para uns preponderantemente físico; para outros intelectual), sem liberdade, de resultado consumível e de incomodo inevitável. Por outro lado, pode significar a realização de uma obra que sirva à expressão, que garanta o reconhecimento social e permaneça além da vida de quem a criou.

Albornoz (1992) considera que o trabalho é esforço e resultado; é processo, ação e obra concluída.

Para a vida de muitas pessoas o trabalho pode ocupar o vazio existencial e social, constituindo-se em um modo de sublimação de necessidades frustradas, originando-se daí a sensação de que não se pode viver sem ele.

Em termos amplos, pode-se afirmar que o trabalho é uma atividade instrumental executada pelos homens (espécie) com os objetivos de manter e de preservar a vida; atividade centrada na execução de projetos que alteram o ambiente de vida e que produz algo de valor para as pessoas.

Dejours considera que

o trabalho é a atividade coordenada desenvolvida por homens e mulheres para enfrentar aquilo que, em uma tarefa utilitária, não pode ser obtido pela execução estrita de organização prescrita. (apud Pereira, 2002:21).

Na era cristã, a primeira definição conhecida de trabalho encontra-se nas Sagradas Escrituras:

Disse pois o Senhor Deus ao ser humano: maldita é a terra por tua causa; em fadiga comerás dela todos os dias da tua vida. Do suor do teu rosto comerás o teu pão, até que tornes a terra, porque dela foste tomado; pois és pó, e ao pó tornarás.(Bíblia, 1962)

No *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (1999:1980), encontramos as seguintes acepções de trabalho:

- Aplicação das formas e faculdades humanas para alcançar um determinado fim,
- Permite ao homem certo domínio sobre a natureza,
- Atividade coordenada, de caráter físico e/ou intelectual, necessária à realização de qualquer tarefa, serviço ou empreendimento.

Os primeiros trabalhos eram manuais. Com o desenvolvimento humano, criaram-se instrumentos para executá-los; instrumentos que serviam de mediadores do ato de transformação da matéria em produto.

Na atualidade, três aspectos aparecem como centrais no mundo do trabalho: os meios de produção, o ambiente de trabalho e a qualidade do produto final. Com isso, o conceito de ergonomia foi introduzido.

Segundo Sell entende-se por trabalho,

Tudo o que a pessoa faz para manter-se e desenvolver-se e para manter e desenvolver a sociedade, dentro dos limites estabelecidos por esta sociedade. E, o conceito de condições de trabalho inclui tudo que influencia o próprio trabalho, como ambiente, tarefa, posto, meios de produção, organização do

trabalho, as relações entre produção e salário.(apud Pereira 2002:25)

Ao discutir o sentido da expressão “boas condições de trabalho”, ([F.ERGON] apud Pereira, 2002:26) lembra que o trabalho deve ser realizado sem ultrapassar os limites individuais do trabalhador; assim, deve ser suportável ao longo do tempo. Deve satisfazer o trabalhador e promover o desenvolvimento pessoal para quem o executa. Sendo assim, o trabalho dentro de suas condições e atribuições, tem que levar em conta os conceitos próprios da ergonomia.

Para o idoso que está inserido nesse contexto,

todo o trabalho é um comportamento adquirido por aprendizagem que exige uma adaptação à condições de uma tarefa. Desta definição podem-se evidenciar duas faces do trabalho: de um lado é um comportamento, é de outro um constrangimento. De fato, essa atividade é um traço específico da espécie humana, um processo que liga o homem natureza, isto é, uma atividade racional. (Ombredane e Faverge; apud Dos Santos e Fialho; 1997:32)

O quadro que se segue, retirado de (Dos Santos & Fialho apud Pereira 2002:25), apresenta alguns sentidos do trabalho, o tempo e a cultura inserida.

A evolução do conceito de trabalho

Pré-história	Subsistência
Etimologia	Trabalho ⇔ tripalium Trabalhar ⇔ tripaliare (torturar com tripalium)
Na Bíblia	“Maldita é a terra por causa de ti: com dor comerás dela todos os dias da tua vida, do suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra.” (Gênesis. 3:17/19)
Gregos	Trabalho-ponos ⇔ penoso Trabalho-ergo ⇔ criação
Adam Smith 1776) Taylor (Século XVIII)	Teorias sobre a divisão técnica do trabalho e o aparecimento da sociedade capitalista; Administração científica: divisão do trabalho e especialização do operário: análise do trabalho e estudo dos tempos e movimentos: homem econômico: padronização: entre outros aspectos.
Ombredane e Faverge (1955)	Trabalho é um comportamento e um constrangimento
J. Leplat (1974)	“O trabalho situa-se no nível da interação entre o homem e os objetos de sua atividade ele constitui o aspecto dinâmico do sistema homem-máquina”.
Leontiev (1976)	“O trabalho humano (...) é uma atividade originalmente social, fundada sobre a cooperação de indivíduos, a qual supõe uma divisão técnica (...) das funções de trabalho”.
Atualmente	O trabalho, para muitos estudiosos, é considerado como toda e qualquer atividade realizada pelas pessoas, sejam assalariadas ou não. Outro aspecto importante é que existe um consenso a respeito do maior patrimônio de uma organização: o capital humano.

Para Cordi et al., o trabalho é a *“ação transformadora (material ou intelectual) do homem, realizada na natureza e na sociedade em que vive”*.(1997:149)

Existe uma relação direta entre o trabalho e a realização humana. Dos antigos gregos até as atuais sociedades industrializadas, o homem procura sua realização em seu ofício.

Segundo Aranha, o trabalho

estabelece a relação dialética entre a teoria e a prática, pela qual uma não pode existir sem a outra: o projeto orienta a ação e esta altera o projeto, que de novo altera a ação, fazendo com que haja mudanças dos procedimentos empregados, o que gera o processo histórico [...] O trabalho se realiza como uma atividade coletiva, e além de transformar a natureza, humanizando-a, além de proceder a união dos homens, o trabalho transforma o próprio homem. (1993:9)

Para Mounier, “*todo trabalho trabalha para fazer um homem ao mesmo tempo que uma coisa*” (apud Aranha, 1995:9).

Assim, pelo trabalho,

o homem se autoproduz; desenvolve suas habilidades e imaginação. Aprende a conhecer as forças da natureza e a desafiá-las; conhece as próprias forças e limitações; relaciona-se com os companheiros e vive os afetos de toda relação; impõe-se uma disciplina. O homem não permanece o mesmo, pois o trabalho altera a visão que ele tem do mundo e de si mesmo. (Aranha, 1995:9)

Se a natureza se apresenta aos homens como destino, o trabalho é a transcendência, a sua liberdade. A liberdade não é dada ao homem, ele a busca através da sua ação transformadora sobre o mundo, segundo seus projetos.

Por ser uma atividade relacional, o trabalho,

além de desenvolver habilidades, permite que a convivência não só facilite a aprendizagem e o aperfeiçoamento dos instrumentos, mas também enriqueça a afetividade resultante do relacionamento humano: experimentando emoções de expectativa, desejo, prazer, inveja, o homem aprende a conhecer a natureza, as pessoas e a si mesmo. É a atividade humana por excelência, pela qual o homem intervém na natureza e em si mesmo. O trabalho é condição de transcendência e, portanto, é a expressão da liberdade. (Aranha, 1995:6)

Os animais situados nos níveis mais baixos da escala zoológica agem tão somente por reflexos e instintos; já os animais situados na escala zoológica mais alta têm os chamados *insights* da chamada “inteligência concreta”, além dos instintos e reflexos; eles agem no “aqui e agora”, pois não têm capacidade de aperfeiçoar e inventar.

Em contrapartida, o ato humano é:

Consciente de finalidade, isto é, o ato existe antes como pensamento, como uma possibilidade, e a execução é o resultado da escolha dos meios necessários para atingir fins propostos. Quando há interferências externas no processo, os planos também são modificados para se adequarem à nova situação. (Aranha, 1995:3)

O homem é um ser que pensa e fala, distinguindo-se enormemente de qualquer outra espécie animal. Embora os animais também se comuniquem, a comunicação humana é radicalmente diversa da dos animais não humanos. O homem é um animal simbólico; através da linguagem, o homem modifica o mundo.

Pela palavra situamo-nos no tempo; lembramos do passado e prevemos o futuro. Somos senhores do pensamento e da inteligência abstrata. O animal

vive sempre no presente; age instintivamente, não produz, apenas conserva sua existência.

Já o homem é o único animal que trabalha, que produz o mundo e que se produz a si mesmo.

Segundo Aranha, “o trabalho humano é a ação dirigida por finalidades conscientes, a resposta aos desafios da natureza na luta pela sobrevivência”. (1995:5)

O trabalho, ao mesmo tempo em que transforma a natureza, adaptando-se às necessidades humanas, altera o próprio homem, desenvolvendo suas faculdades:

Enquanto o animal permanece sempre o mesmo na sua essência, já que repete os gestos comuns da espécie, o homem muda as maneiras pela quais age sobre o mundo, estabelecendo também relações mutáveis, que por sua vez alteram sua maneira de perceber, de pensar e de sentir. (Aranha, 1995:5)

O homem é um ser cultural; um ser histórico que muda que se autolibera progressivamente. Um ser que faz projetos que o transcendem; que passa aos outros sua experiência. Lança-se para o futuro e, por meio de projetos, antecipa sua ação consciente sobre o mundo.

Segundo Berger e Luckman (2004), o homem difere dos outros mamíferos superiores, pois não possui um ambiente fixo e específico da sua espécie; ele cria e recria constantemente seu mundo. Relaciona-se com seu ambiente e com o “mundo”, estabelecendo-se na maior parte da Terra e empenhando-se em diferentes atividades.

Desde as fases iniciais de seu desenvolvimento orgânico, grande parte do seu equipamento biológico recebe interferências da sociedade e da cultura.

Assim, o homem é o produto - sempre renovado - do diálogo entre o substrato biológico próprio da espécie e as normas, padrões e valores situados fora do corpo, ou seja, no meio social

e cultural em que vive. (VALSECCHI de ALMEIDA apud Mori, 2005:34)

No desenvolvimento do organismo humano, segundo Berger e Luckmann

a humanização é variável no sentido sócio-cultural[...]. Não existe natureza humana no sentido de um substrato biologicamente fixo [...], há somente natureza humana, no sentido de constantes antropológicas que delimita e permite as formações sócio-culturais do homem. (2004:72)

As “constantes antropológicas” acima referidas são a “abertura para o mundo” e a “plasticidade do organismo humano”.

Dessa forma, como lembram Berger e Luckmann,

Embora seja possível dizer que o homem tem uma natureza, é mais significativo dizer que o homem constrói sua própria natureza, ou, mais simplesmente, que o homem se produz a si mesmo. (2004:72)

Os homens precisam viver em conjunto para produzir um ambiente humano. Homem e cultura se entrelaçam, sendo impossível ao homem viver isoladamente. Para Berger e Luckmann,

Logo que observamos fenômenos especificamente humanos entramos no reino do social. A humanidade específica do homem e sua sociabilidade estão inextricavelmente entrelaçadas. O Homo sapiens é sempre, e na mesma medida, homo socius. (2004:75)

O organismo humano não dispõe dos meios biológicos necessários para a estabilidade de sua conduta. Daí o fato de a existência humana desenvolver-se em um contexto de ordem, direção e estabilidade.

Berger e Luckmann (2004:76) consideram “*a ordem social um produto humano, ou, mais precisamente, uma progressiva produção humana*”. Percebemos que essa ordem social é produzida pelo homem no curso de sua exteriorização. Assim, a ordem social não é dada biologicamente, não deriva de qualquer substrato biológico.

Desse modo, a ordem social é produto da atividade do homem; ela não possui *status* ontológico.

Em razão da instabilidade do organismo humano, o homem precisa fornecer a si mesmo um ambiente estável para sua conduta. Assim, nenhuma ordem social pode ser derivada de dados biológicos.

Todo ato humano é sujeito ao hábito. O hábito implica que a ação possa ser novamente executada no futuro do mesmo modo e com o mesmo esforço.

Assim, “*mesmo o indivíduo solitário na proverbial ilha deserta torna habitual sua atividade*” (Berger e Luckmann; 2004:77), pois ao retomar suas atividades cotidianas tem, no mínimo, a companhia de procedimentos operatórios.

Quando as ações são habituais, conservam seu caráter significativo para o indivíduo.

Desse modo, conforme os autores acima citados, “*o hábito fornece a direção e a especialização da atividade que faltam, no equipamento biológico do homem*” (2004:78) e serve para aliviar o acúmulo de tensões resultantes dos impulsos não dirigidos.

O hábito oferece estabilidade e liberta energia para a tomada das decisões necessárias; ele torna desnecessário que cada situação seja definida de novo, etapa por etapa.

A institucionalização nada mais é do que a tipificação recíproca de ações habituais pelos indivíduos; ações construídas numa história socialmente compartilhada. A instituição tem um caráter histórico e, portanto, mutável. Pelo

simples fato de existirem, as instituições controlam a conduta humana e estabelecem padrões de conduta.

Ao conjunto de instituições denominamos “sociedade”.

A capacidade de o homem desenvolver-se, criando inovações tecnológicas, faz com que muitos trabalhos antes realizados por ele, sejam feitos pelas máquinas; mas estas nunca substituem totalmente o ser humano.

No mundo moderno, o trabalho parece configurar-se como uma atividade mental e espiritualmente pouco saudável, o que se evidencia no aumento dos índices de acidentes, no absenteísmo e no surgimento de novas doenças.

1. O Trabalho: algumas incursões históricas

Como partícipes da sociedade moderna, é comum associarmos o trabalho a algo negativo. Aranha, cita que: “*na Bíblia, Adão e Eva vivem felizes até que o pecado provoca sua expulsão do Paraíso e a condenação ao trabalho com o suor do teu rosto*”. A Eva, coube também o “trabalho” do parto.(1995:9)

A palavra “trabalho” vem do latim “*tripalium*”, que significa aparelho de três paus usado para amarrar condenados e prender animais difíceis de domar. Surge daí a identificação entre trabalho, tortura, sofrimento e pena.

Na Grécia antiga, significava castigo; o trabalho braçal era desvalorizado, sendo realizado apenas por escravos; aos membros da classe alta, cabiam as tarefas de coordenar e fazer projetos. O trabalho era visto como uma forma de aprisionar as pessoas que não tinham direitos e eram submetidas a um regime de escravidão.

Em Roma, o trabalho manual era desvalorizado; representava a “*ausência de lazer*” e a “*negação ao ócio*”, pois estes eram privilégios dos homens livres. (Aranha, 1995:10)

Na Idade Média (século V - XV), São Tomás de Aquino tentou valorizar o trabalho manual, dizendo que todos os trabalhos se equivaliam. Mas ao basear-se na teoria grega, enfatizou a necessidade da atividade contemplativa.

À época, grande parte da população, apesar de livre em relação aos proprietários, trabalhava na terra para sobrevivência. Aos servos cabiam as atividades agrícolas ou artesanais; obedeciam a um ritmo de trabalho próprio à economia de subsistência. Embora sem direitos políticos, os servos gozavam de certa liberdade no uso do seu tempo.

Segundo Aranha, a situação altera-se na Idade Moderna,

O crescente interesse pelas artes mecânicas e pelo trabalho em geral justificado pela ascensão dos burgueses, vindos de segmentos dos antigos servos que compravam a sua liberdade e dedicavam-se ao comércio, e que, portanto, tinham uma outra concepção a respeito do trabalho. (1995:10)

Com o advento do capitalismo, o valor do homem passou a ser “medido” pelo seu esforço e capacidade de trabalho. Para seu desenvolvimento, o capitalismo dependeu do desenvolvimento da ciência.

O renascimento científico deve ser compreendido, portanto, como a expressão da nova ordem burguesa. Os inventos e descobertas são inseparáveis da ciência, já que, para o desenvolvimento da indústria, a burguesia necessitava de uma ciência que investigasse as forças da natureza para, dominando-as, usá-las em seu benefício. A ciência não é mais a serva da teologia, deixa de ser um saber contemplativo, formal e finalista, para que, indissoluvelmente ligada à técnica, possa servir à nova classe. (Aranha, 1995:148)

A passagem do feudalismo para o capitalismo não só determinou que as técnicas fossem aperfeiçoadas, como ampliou o capital e os mercados, permitindo a compra de máquinas e de matérias-primas. Isto fez com que muitas famílias que viviam do trabalho doméstico fossem obrigadas a vender

sua força de trabalho em troca de salário. Com o aumento da produção, começaram a surgir as primeiras fábricas; nelas, o trabalhador passou a ser submetido a uma nova ordem, com clara divisão do trabalho e com horas e ritmos estabelecidos. Surgiu, assim, o proletariado.

No século XVIII, na Inglaterra, a indústria têxtil sofreu impulso extraordinário com o surgimento da máquina a vapor e o conseqüente aumento da produção de tecidos. Iniciava-se a Revolução Industrial.

Segundo Aranha (1995), no século XIX, o resplendor do progresso é caracterizado pela exploração no trabalho, com jornadas longas sem direito à férias, velhice, doença e invalidez; salários baixos, trabalhos insalubres. Disto resultaram movimentos de denúncia contra a exploração do trabalhador. O surgimento do capitalismo é marcado pela busca incessante do lucro; ao mesmo tempo, esse modo de produção confina o operário à fábrica. O produto não lhe pertence; ele não escolhe o salário, o horário e o ritmo de trabalho; é comandado de fora, por forças que lhe são estranhas.

Aranha cita que, em conseqüência, a mercadoria adquire valor superior ao homem. Assim,

a humanização da mercadoria leva a desumanização do homem, [...] Sendo o próprio homem transformado em mercadoria (sua força de trabalho tem um preço no mercado). (1995:12)

Quanto à ética capitalista do trabalho, Cordi et al (1997:153) citam que se o enriquecimento era proibido na Idade Média, agora a riqueza é vista como vontade divina e a valorização do trabalho produtivo como sinônimo de progresso. Mesmo entre classes bastardas, a ociosidade era sinônimo de pecado.

Em Adam Smith (1776), lemos que

que a riqueza de uma nação dependia essencialmente da produtividade baseada na divisão do trabalho. Por essa divisão, as operações de produção de um bem, que antes eram executados por um único homem (artesão), são agora decompostas e executadas por diversos trabalhadores, que se especializam em tarefas específicas e complementares. (apud Cordi et al, 1997:154)

Para Cordi et al (1997:154), a revolução tecnológica dos séculos XVIII e XIX, “*mais do que um progresso, significou a generalização de um projeto de controle social*”. Ela reforçou, ainda mais, as idéias de Adam Smith.

Para as classes dominantes, o desejo de expansão do mercado e das riquezas necessitava da universalização dessa nova ordem social; tirar a autonomia do trabalhador artesanal e domesticar os operários eram as formas de eliminar qualquer forma de resistência e de valorizar o trabalho produtivo.

Na ética capitalista, o trabalhador deveria receber tão somente o mínimo para sobreviver e procriar. A máquina, embora proclamada como libertação do esforço físico do homem, contribuiu para uma nova servidão.

As máquinas serviram tanto para o aumento da produtividade, como para impor disciplina do tempo e do trabalho, com o objetivo de controlar as formas de resistência operárias, principalmente por ameaça de desemprego. (Cordi et al, 1997:155).

A máxima produtividade proposta por Adam Smith, “*transforma a sociedade do trabalho em sociedade de barbárie, marcada pela luta entre o capital e o trabalho*” (Cordi et al; 1997: 155). Parecia que o crescimento infinito tinha atingido seu limite. Diante disto, as elites discutiam a necessidade de fazer algo além da repressão e caridade, dado que estas poderiam levar a movimentos contestatórios.

Cada vez mais o objetivo é a máxima produção; os direitos do trabalhador são ignorados. Paralelamente, como veremos adiante, começaram a surgir, por meio de sindicatos, reivindicações dos trabalhadores. Mesmo pressionados, os capitalistas apoiaram o sistema de produção baseado na teoria de Frederick Taylor (1856-1915) (apud Cordi et al ;1997:157), voltado ao aumento da produção e do lucro. Taylor aperfeiçoou o que Smith preconizava, dizendo que a produção dependia da boa vontade do trabalhador; que este só trabalhava porque era obrigado e, quando podia, fazia “corpo mole”. Criou um método que racionalizava a produção e economizava tempo, eliminando condutas improdutivas. O ritmo da máquina passou a determinar o tempo produtivo do trabalhador.

Para aumentar a produtividade surgiu o fordismo. Introduzido por Henry Ford (1886-1947), representou a continuidade do taylorismo. A inovação incluía uma esteira que levava a peça até o trabalhador, o que o impedia de se locomover.

Em relação aos trabalhadores, Aranha (1995:17) afirma que, na história, os artesãos e camponeses, antes da Revolução Industrial, trabalhavam desde o clarear do dia até o escurecer (seguindo o ritmo das estações), pois havia época certa para plantio e colheita. Existiam dias de descanso; mas como estes eram impostos pela Igreja, era necessário cumprir rituais religiosos.

Com a industrialização, o crescimento das cidades e a mecanização do trabalho, começaram a ocorrer inúmeras transformações sociais e culturais. Cumpre lembrar que, em suas origens, as horas de trabalho eram extensas, chegando a consumir até 18 horas da vida do trabalhador. Só no século XIX, por meio de grandes mobilizações e lutas, os trabalhadores conquistaram alguns direitos, dentre os quais a diminuição progressiva da jornada de trabalho.

Na Europa, a partir de 1850, foi instituído o descanso semanal; em 1919, foi votada a lei das 8 horas diárias de trabalho e a semana foi reduzida para cinco dias. A partir de 1930, foram instituídos o descanso remunerado, as férias e organização de “colônias de férias”. (Aranha, 1995:17)

Prosegue Aranha,

É o início de uma nova era, que tende a tomar contornos mais definidos com a intensificação da automação do trabalho. Estamos dirigindo a passos largos para a “civilização do lazer”. (1995:17)

2. O Trabalho na Sociedade Moderna

Para a discussão que se segue as reflexões desenvolvidas pelo sociólogo polonês Z. Bauman foram muito importantes. Além de Bauman, outros pensadores também emprestaram suas ferramentas analíticas.

Embora o autor explore, fundamentalmente, a questão da liberdade, a relação entre esta e o “trabalho” é bastante clara e direta. Assim, se houve um tempo em que o trabalho ocupava um lugar central na vida do homem, permitindo-lhe experimentar a liberdade, esse lugar passou a ser preenchido, na atualidade, pelo consumo.

Segundo o autor:

Na sociedade em que vivemos, a liberdade individual move-se firmemente para a posição de centro cognitivo e moral da vida - com conseqüências de longo alcance para cada individuo e para o sistema social no seu todo. (Bauman, 1989:115)

No passado não muito distante, o lugar central a que se refere o autor era ocupado pelo trabalho; era o trabalho que valorizava as pessoas. O status social do indivíduo dependia do tipo de trabalho que ele exercia. No início do capitalismo, o trabalho ocupava uma posição essencial, pois ligava a motivação individual, a integração social e administração do sistema.

O trabalho era a norma moral principal que guiava a conduta individual, e o único ponto de observação de onde o indivíduo observava, planeava e modelava o seu processo de vida como um todo.(Bauman, 1989:115)

Assim, o valor e a dignidade da vida de cada indivíduo eram aferidos por critérios relacionados ao trabalho e à atitude positiva para com o trabalho; atitudes como aplicação, diligência, assiduidade e iniciativa. O descrédito moral estava ligado à abstenção do trabalho, que era “*denegrada e ultrajada como: ociosidade, indolência, preguiça*” (Bauman; 1989:115). Segundo Bauman, a vida individual, ao ser planejada, tinha na profissão uma moldura da vida inteira; as pessoas definiam-se em termos de sua competência profissional e do tipo de trabalho que haviam aprendido. Assim, os que partilhavam do mesmo tipo de aptidões e as exerciam no mesmo lugar eram “*os outros importantes*”. Era “*a sua opinião que contava e que tinha autoridade para avaliar, e se necessário corrigir, a vida do indivíduo*”. (Bauman 1989:116)

No plano social, o lugar do trabalho fornecia o cenário para o treino e a socialização da pessoa como ser social. Nele, as virtudes da obediência e do respeito pela autoridade, os hábitos de autodisciplina e os padrões de comportamento aceitável eram ensinados. No local de trabalho era exercida a mais meticulosa vigilância social e o controle do comportamento individual.

O local de trabalho era, portanto, o lócus principal do treino das atividades e ações próprias para as normas hierárquicas. Com o trabalho ocupando a maior parte da vida da pessoa e influenciando o restante de suas ocupações, podia confiar-se bastante no lugar do trabalho como garantia suficiente de integração social. (Bauman,1989)

Com o tempo, a posição essencial que o trabalho ocupava, foi perdendo espaço. À medida que o capitalismo foi se encaminhando para a fase consumista, houve um descentramento do trabalho. A liberdade de consumo passou a ocupar o lugar de centro moral e cognitivo do indivíduo.

A passagem para a fase consumista foi determinada pela opressão que os trabalhadores sofreram na primeira fase capitalista do trabalho. Ao perder a

autonomia no trabalho, as ambições do trabalhador voltaram-se, cada vez mais, para a aquisição de produtos (materiais, culturais e simbólicos), suscitando fortes interesses de consumo.

Os problemas de consumo receberam um poderoso impulso proveniente do seu papel de substitutos das ambições de poder permanentemente frustradas, como única recompensa pela opressão no trabalho, a única saída para a liberdade e a autonomia arrancadas ao setor maior e mais consequencial do processo de vida. (Bauman, 1989:117).

O capitalismo foi marcado pela militância dos trabalhadores, com longas lutas nos sindicatos por melhores condições de trabalho, salários e pela quebra do poder dos patrões. Ao mesmo tempo, a antiga “ética do trabalho” começou a ser substituída pela “ética do consumo”. Segundo Bauman, na fase consumista do capitalismo “o trabalho é (quando muito) instrumental; é nas compensações materiais que se procuram e se encontram a realização pessoal, a autonomia e a liberdade” (1989:121), pois a busca é por melhores condições de vida (liberdade!) fora do local de trabalho.

Assim, na sociedade pós-industrial a ênfase passou da produção para o consumo de bens e serviços: multiplicam-se as possibilidades de consumo. A única escolha que não existe é não consumir. Vendem-se as coisas, serviços e idéias, e o comércio facilita com prestações, liquidações, ofertas de ocasião, etc. (Aranha, 1995:16).

Bauman cita que a tendência humana para o prazer por meio do consumo caminha para a perpetuação.

Para o consumidor, a realidade não é inimiga do prazer. O elemento trágico foi excluído da tendência insaciável para fruição. A realidade, tal como o consumidor a sente, é uma busca do prazer. A liberdade diz respeito à escolha entre a maior e menor satisfação, e a racionalidade refere-se a escolher a primeira e não

a segunda. Para o sistema de consumo, um consumidor que gosta de consumir é uma necessidade; para o consumidor individual, gastar é um dever – talvez o mais importante para todos. (Bauman, 1989:123)

E lembra que,

No nosso sistema atual, o capital ocupou a sociedade basicamente como consumidores. Todavia, este ajuste não requer uma intervenção ativa do Estado. O mercado de consumo encarrega-se de conseguir consenso e de solicitar uma conduta social correta. O comportamento consensual é muitas vezes acompanhado pela aprovação do mercado livre e da liberdade de escolha individual – mas um consenso ideológico não figura entre as condições necessárias. A orientação do mercado por indivíduos que buscam a satisfação das suas necessidades sempre crescentes é tudo o que é preciso para integração social. (Bauman, 1989:131)

Na nova sociedade de consumo, ser pobre é não desempenhar o papel de consumidor; é ser “incapaz” social e politicamente. É viver a condição de heteronomia e de perda da liberdade individual (de consumo!). É ter poucos direitos; é ser excluído da sociedade. Nesse sentido os idosos, com suas parcas aposentadorias, diminuem seus rendimentos e ingressam nas fileiras dos pobres e excluídos.

Aranha (1995) lembra que a mesma sociedade que produz os pobres e excluídos, desenvolve mecanismos que impedem que estes se revoltam. Refere-se à ilusão de dias melhores, às telenovelas, enfim, à indústria cultural que alimenta fantasias, como a esperança semanal de tirar a sorte grande (Loto, da Sena etc) e a aquisição de imitações baratas de roupas e jóias.

Cordi et al. relatam que a realização no trabalho está sempre ligada à satisfação material. Nas economias de mercado, ela significa consumir bens

materiais, proporcionar mais lazer, ostentar poder. A frase “*vencer na vida*”, significa,

basicamente, acumular bens materiais e ostentar poder. É “vencedor” aquele sujeito que possui carro do ano, veste-se com as melhores grifes e, de preferência, frequenta lugares badalados. (Cordi et al., 1997:160).

Desse modo, observa-se que a orientação do mercado por aqueles que buscam a satisfação de suas necessidades é tudo o que é necessário para a integração social.

O mercado de consumo pode ser visto como uma saída institucionalizada da política; como um atrativo compensador que encoraja os clientes a deixarem em pedaços o mundo das normas políticas e burocráticas.

Em uma sociedade de consumo, a liberdade de consumo é a única alternativa para a opressão política e burocrática. Para a maioria dos membros da sociedade contemporânea, a liberdade individual surge como uma forma de liberdade de consumo com seus atributos agradáveis ou desagradáveis.

Bauman lembra que “*a liberdade de consumo e a liberdade de expressão não são politicamente dificultadas desde que se mantenham politicamente ineficazes*”.(1989:141)

A liberdade individual passou a ser sinônimo de consumo, e a felicidade individual sobrepôs-se à tradicional ética do trabalho; esta liberdade, de acordo com Bauman, passou a ocupar o lugar de centro cognitivo e moral da vida.

Mas a nova pressão não é só individual; ela é também social. Implica na

pressão da concorrência simbólica, da autoconstrução por meio da aquisição de diferenças e características, da busca da aprovação social, através do estilo de vida e de associação simbólica. (Bauman,1989:123)

Uma sociedade de consumo não requer a intervenção ativa do Estado. Se na primeira fase do capitalismo era importante trabalhar, na segunda, o trabalho transforma-se em mediador entre a pessoa e o mercado, como instrumento de realização pessoal.

É nesse contexto que os idosos aposentados não encontram canais de expressão para suas demandas e necessidades.

Mas há, ainda, outro aspecto a considerar.

De acordo com Castel, as sociedades atuais confrontam-se com um novo desafio: a globalização. Ela diz respeito à

mundialização da economia e o retorno ao mercado auto regulado, estando a competitividade e a concorrência aguerridas, ao mesmo tempo, no seio de cada estado e entre diferentes Estados. (1997:162)

No início do século XIX, por volta de 1830 (primórdios da industrialização), os proletários das primeiras concentrações industriais eram os miseráveis; pessoas que não estavam integradas à sociedade, não tinham direitos e ameaçavam a ordem social. Hoje, o proletariado é uma classe socialmente integrada.

A partir da segunda metade do século XIX, com os conflitos e as lutas, com o desenvolvimento da industrialização e com o adensamento dos núcleos urbanos (metrópoles), os trabalhadores conquistaram vários direitos trabalhistas. Antes da plena constituição do mercado de trabalho, só era protegido quem tinha bens ou era proprietário; estes estavam garantidos contra riscos inerentes à existência social, doenças, acidentes e velhice sem pecúlio.

A grande inovação introduzida na sociedade salarial, a partir do fim do século XIX, foi o emprego protegido com status, o direito ao trabalho e à seguridade social. Com o emprego protegido, o trabalho assalariado consolidou-se e ganhou mais dignidade. A isso Castel denomina de “*processo de transformação do trabalho em emprego*”.(1997:167). Iniciado com pequenos

trabalhadores, o emprego protegido difundiu-se até aos trabalhadores na posição de independentes que, por muito tempo, desprezaram os benefícios do salariado. Por outro lado, os portadores de patrimônio, também quiseram beneficiar-se das proteções ligadas ao trabalho; sob situações vantajosas (estudos e diplomas) colocaram seus filhos nesse mercado.

A sociedade baseada no trabalho assalariado teve seu ápice na Europa, no início dos anos 1970, com a diminuição das desigualdades, a ampliação da justiça social, o pleno emprego e a estabilidade.

No entanto, o que hoje se observa são mudanças drásticas nos contratos de trabalho; contratos estabelecidos fora das proteções e da estabilidade (de interinos, tempo parcial etc.).

A instabilidade no emprego tenderá, a médio prazo, a substituir a estabilidade na organização do trabalho, o que torna o futuro sombrio. A sociedade salarial é uma sociedade na qual os sujeitos sociais têm sua inserção social relacionada ao lugar que ocupam no mercado de trabalho, na distribuição de renda e nas proteções ligadas ao trabalho.

Antes do estabelecimento da sociedade salarial ser protegido era ter bens; somente quando o indivíduo era proprietário estava garantido contra os principais riscos da existência social, como a doença, o acidente, a velhice sem pecúlio. Os demais, os que não tinham bens e propriedades, ficavam à mercê da assistência social. Esta era a situação da maioria dos trabalhadores; de incontáveis pessoas que viviam de seu trabalho e que, quando não podiam mais trabalhar, passavam a enfrentar um verdadeiro drama.

Hoje, segundo Castel, o trabalho não serve mais como fator de integração do indivíduo à sociedade. Na sua forma mais atual, a sociedade capitalista “precarizou” o trabalho, inventando formas novas e atípicas de contratação (temporárias por atividade etc.) e diminuindo, progressivamente, as tradicionais proteções ligadas ao trabalho, como seguros, coberturas e estabilidade no emprego. Os direitos, de longa data associados ao trabalho, estão sendo paulatinamente perdidos, com sérias conseqüências para o trabalhador e sua família.

O trabalhador que tinha direitos trabalhistas, como pecúlio e seguridade social, começou a perdê-los. Sob a alegação de “crises”, as empresas procuram diminuir o preço da força de trabalho e aumentar a eficácia na produtividade.

Além da demissão de pessoas qualificadas e idosas, as empresas adotam trabalhos flexíveis, com horários e serviços não determinados; jovens são contratados para serviços temporários, o que gera, no mundo do trabalho uma grande instabilidade, com sérias conseqüências sociais, pessoais e familiares.

Podemos citar três importantes constatações importantes da atual questão social: a primeira, é a desestabilização dos estáveis, ou seja, trabalhadores que tinham uma posição sólida e que agora são retirados dos circuitos produtivos. É o caso particular de pessoas de mais de 45 anos que são consideradas muito velhas para serem recicladas. A pergunta que se apresenta é “o que será deles?”. A segunda, é a instalação da precariedade que atinge pessoas mais jovens, alternando períodos de atividade e desemprego, vivendo o dia-a-dia sem garantias futuras.

A terceira refere-se às pessoas chamadas de “sobrantes”. É considerada por Castel como a mais inquietante para as sociedades acostumadas com pleno emprego, como a Europa Ocidental. São pessoas sem lugar e integração na sociedade. Pessoas sem poder de reivindicação, pessoas consideradas inúteis e fracassadas, mas que foram, na verdade, fragilizadas pela conjuntura econômica dos últimos 20 anos.

O desenvolvimento tecnológico, substitui parte da força de trabalho por máquinas e equipamentos cada vez mais sofisticados. O desemprego, a falta de proteção no emprego, a desagregação da sociedade salarial, isto tudo contribui para aquilo que Sennet chama de “corrosão do caráter”. No entanto, apesar do quadro sinalizado por Castel, o fato é que o trabalho continua sendo altamente valorizado e todos tentam buscar nele sua realização pessoal e identidade social.

Hoje, dá-se muita importância não ao que o indivíduo é, mas à sua utilidade para a empresa. Com a forte concorrência que existe no mercado, as

empresas estão preocupadas com a qualidade e o preço do produto final. Não respeitam mais o direito do trabalhador; exigem cada vez mais do funcionário e pagam salários cada vez menores, o que contribui para a desagregação pessoal e coletiva.

Assim, fala-se em “excluídos”, de pessoas que não têm lugar na sociedade. No entanto, segundo Castel, “*a exclusão se dá efetivamente pelo estado de todos os que se encontram fora dos circuitos vivo das trocas sociais*”. (1997:20)

Em relação ao trabalho, a exclusão, segundo Castel, resulta da dispensa de um trabalho estável, com a perda de suas proteções, com a precarização das relações de trabalho em razão da flexibilização e com a mudança no perfil do investimento do capital.

Hoje, na Europa, é grande o número de excluídos; um aumento acentuado desde 1977. Para Castel,

Se nada de mais profundo for feito, a “luta contra a exclusão” corre o risco de se reduzir a um pronto socorro social, isto é, intervir aqui e ali para tentar reparar as rupturas do tecido social.
(1997:26)

Nesse contexto, o que observa são ações pautadas pela identificação de “populações alvo”, objetivando intervenções especializadas contra a exclusão de “inválidos”, deficientes, idosos, pessoas “economicamente frágeis”, crianças em dificuldade etc.

Mas deve-se considerar que a maior parte dos excluídos são os que se tornaram inválidos pela conjuntura, pelas regras do jogo social.

Castel afirma que

É no coração da condição salarial que aparecem as fissuras que são responsáveis pela “exclusão”; é sobretudo sobre as regulações do trabalho e dos sistemas de proteção ligadas ao

*trabalho que seria preciso intervir para “lutar contra a exclusão”.
(1997:34)*

E lembra:

que a “luta contra exclusão”, é levada também, e sobretudo, pelo modo preventivo, quer dizer esforçando-se em intervir sobretudo em fatores de desregulação da sociedade salarial, no coração mesmo dos processos da produção e distribuição das riquezas sociais.(1997:46)

3. Qualidade de Vida no Trabalho

A maior conscientização dos trabalhadores tem levado a constantes reivindicações no sentido de um trabalho mais humano e compensador. Dessa forma, surgem projetos e experiências de humanização do trabalho pelo reconhecimento da necessidade de serem oportunizadas condições adequadas para que as pessoas desenvolvam seu potencial e criatividade e para que sejam evitadas condições que possam dar origem ao estresse no trabalho e na vida.

No entanto, o que observamos é que, apesar da criação de uma estrutura de serviços destinados a proteger os direitos e a saúde do trabalhador, esta mesma estrutura tem servido:

para ocultar o processo de extração das energias humanas e seus efeitos, podendo, é verdade até suavizar este processo, contando que a produtividade não seja atendida. (Silva, 1992:219)

Na verdade, o que temos é a explicitação de uma contradição fundamental entre os interesses empresariais (maximização da produtividade)

por um lado e, por outro lado, as condições de trabalho, a saúde e a qualidade de vida, dentro e fora do trabalho.

Chanlat (1993) afirma que a qualidade de vida nas atuais organizações deixam muito a desejar; com freqüência, essas organizações mostram-se como lugares propícios ao sofrimento, à violência física e psicológica, ao tédio, e mesmo ao desespero, não apenas nos escalões inferiores, mas também nos níveis intermediários e superiores.

Os trabalhadores permanecem sendo vistos, na maioria das vezes, como meros “instrumentos”, ou seja, como quantidades materiais cujo rendimento deve ser satisfatório; tão satisfatório quanto os equipamentos, as ferramentas e a matéria-prima. Assim, os indivíduos são tratados como meros objetos, emergindo sua condição humana apenas em acontecimentos extraordinários.

Para Moscovici (1994), a grande organização moderna é bem equipada tecnologicamente; nela, o ambiente todo parece dominado por máquinas que são mais valorizados que os homens, o que leva o trabalhador a sentir-se diminuído como pessoa.

Em termos de qualidade de vida, evidencia-se o imenso descompasso entre o progresso tecnológico e progresso social; apesar da pujança intelectual, científica e tecnológica, a pessoa do trabalhador ficou relegada a segundo plano. Para a maioria das organizações, as conseqüências do crescimento tecnológico acelerado, sem o crescimento humanístico, são desastrosas. (Dejours, 1993).

Portanto, pode-se afirmar que

a automação não cumpriu seu papel social. Não reduziu as jornadas de trabalho, não foi aplicada de preferência em áreas insalubres, nem substituiu o esforço físico estafante do trabalhador. (Rebouças et al; 1989:41)

Em contrapartida, ela ameaça com o desemprego, ao torná-lo cada vez mais prescindível.

Neste universo, torna-se difícil preservar um espaço para o homem como pessoa capaz de viver, ser e sentir-se saudável; espaço no qual possa expandir potencialidades e simplesmente “ser”, expressando-se na espontaneidade das ações e no fluir natural e livre das emoções e sentimentos.

Moscovici (1994:12) cita que “*falta um grande espaço na organização - o espaço humano*”. O espaço do homem-artesão ficou cada vez mais restrito, conforme o aperfeiçoamento tecnológico permitiu à máquina ocupar seu lugar, restringindo o espaço para a auto-realização, para a alegria espontânea e para o encontro humano.

Nos dias de hoje, podemos afirmar que a identidade social é determinada, basicamente, pelo papel social, e a atividade profissional encolhe o sujeito, relegando o eu a um plano secundário, valorizando mais o fazer do que o ser, conforme a concepção mecanicista de organização representada pela estrutura burocrática. O predomínio do caráter mecanicista/burocrático, nas organizações estabelece um ritmo rígido devotado ao trabalho, à produtividade e à eficiência organizacionais, apenas tolerando as interrupções mínimas inevitáveis. Tudo isso ocorre em detrimento das necessidades humanas do trabalhador estar consigo mesmo e com os outros, de exercer atividades espontâneas, de experienciar a interação emocional, “coisas” consideradas como perda de tempo, muito embora representem investimento inestimável para o equilíbrio interior e para a manutenção da saúde. (Moscovici, 1994).

A sociedade ocidental, presa ao autoritarismo e ao culto à racionalidade econômica, não soube, até o presente, desenvolver uma administração em que a emergência e a realização da pessoa humana se constituam em traços marcantes de sua evolução. (Clegg, 1993)

CAPÍTULO III

DA VELHICE

1. A Velhice na Sociedade Moderna

As últimas décadas assistiram à transformação da velhice em uma verdadeira “questão social” (conforme definição anterior); questão que vem impondo incontáveis desafios às sociedades atuais.

De acordo com Debert (1999), a preocupação da sociedade com a velhice e o envelhecimento populacional resulta, sem dúvida, do fato de os idosos representarem uma parcela da população cada vez mais significativa do ponto de vista numérico.

Frente a essa nova realidade, cumpre rever as formas de pensar e de administrar *“a experiência cotidiana, o tempo e o espaço, as idades e os gêneros, o trabalho e o lazer, analisando, de uma óptica específica, como uma sociedade projeta sua própria reprodução”*. (Debert, 1999:13)

A partir da segunda metade do século XIX, velhice passou a ser tratada como uma fase da vida caracterizada pela decadência física e pela ausência de papéis sociais. O avanço da idade, apreendido como um processo contínuo de perdas e de dependência, ao lado de configurar a condição de “idoso”, desdobrou-se no desafio, nada discreto, de universalização da aposentadoria (Debert; 1999).

Hoje, as pessoas de mais idade, certas de que não podem viver como antigamente, ocupam e redefinem os novos espaços do envelhecer; espaços que respondem, de modos distintos, aos tipos de controle que passam a ser exigidos.

A mídia, ao debater amplamente a problemática do idoso, abre terreno para novas demandas políticas e para a formação de novos mercados de consumo.

Segundo Debert, *“a tendência contemporânea é rever os estereótipos associados ao envelhecimento”* (1999:14). Desse modo, a idéia de um

processo de perdas começa a ser substituída pela consideração de que os estágios mais avançados da vida são momentos propícios para novas conquistas dirigidas pela busca do prazer e da satisfação pessoal. As experiências vividas e os saberes acumulados são ganhos que oferecem oportunidades de realização de projetos abandonados em outras etapas e de estabelecer relações mais propícias com o mundo dos mais jovens e dos mais velhos.

De um ponto de vista bio-fisiológico, a velhice caracteriza-se pela perda do vigor físico, pela visão curta, pelo crescimento de pêlos nas orelhas e nas narinas, por problemas de memória de curto prazo, pela queda de cabelo, pela perda óssea e muscular, pela diminuição da estatura e da audição; a estas características soma-se, no caso das mulheres, a menopausa.

Às mudanças normais e naturais do envelhecimento, associam-se as doenças crônico-degenerativas, tão freqüentes entre os idosos. Dentre estas, citamos as de maior prevalência na velhice: hipertensão arterial, diabetes, problemas cardiorrespiratórios, artrites, artroses, tumores e distúrbios de ordem mental e comportamental.

Assim,

a sociedade de hoje, como vimos, só concede lazeres aos velhos, tirando-lhes os meios materiais para aproveitá-los. Os que escapam à miséria e ao desconforto têm que administrar um corpo que se tornou frágil, predisposto à fadiga, freqüentemente deficiente ou tolhido por dores. Os prazeres imediatos lhe são interditados, ou avaramente dosados: o amor, a mesa, o álcool, o fumo, o esporte, a caminhada. Só os privilegiados podem compensar, em parte, essas frustrações: passear de carro em vez de caminhar, por exemplo. (Beauvoir, 1990:550).

No entanto, segundo Beauvoir, há

uma compensação à qual alguns atribuem grande valor: não têm mais que fazer qualquer esforço, a preguiça lhes é permitida. Os velhos só raramente têm complexos de culpa: a idade lhes serve de desculpa e de álibi; suprimindo a competição profissional. (1990:565-66).

Muitas vezes, o fato de o velho não sentir confiança nos adultos leva-o à adoção de atitudes de defesa.

Para Mercadante, a definição de velho não se resume ao biológico ou à idade cronológica; trata-se de uma definição que resulta de uma construção cultural. Assim, “*o destino da velhice, o ser velho, não é ser igualmente velho em todos os lugares; este destino é vivido de maneira variável, segundo o contexto social*”. (1997:26)

Da Silva (2003:96), ao se referir ao histórico da velhice, afirma que a concepção de velhice tinha, no passado, forte influência dos valores religiosos. No entanto, esta concepção alternava respeito e desprezo, poder e abandono. A autora insiste no fato de que esta concepção é imposta pela sociedade, tendo influência de valores culturais, sociais, econômicos; são estes que vão determinar o lugar e o papel dos velhos.

Conforme a autora refere, nas sociedades onde se exaltou a presença do velho, “*constata-se um certo domínio social deste em relação à apropriação do saber e poder*”. (2003:97). Quanto mais simples a sociedade, mais ela dependia do saber acumulado e da memória dos velhos; estes eram transmissores da cultura, das tradições e do legado. Entretanto,

respeito e privilégios não estavam associados a todos os velhos, mas apenas aos que conseguiam superar os desafios do seu tempo, mantendo-se lúcidos, detentores de conhecimento e com a capacidade de transmiti-los a outras gerações. A idade era avaliada pela capacidade de trabalhar ou guerrear. Portanto o

trabalho era fonte de respeito ao ser humano, e quando o velho não podia mais prestá-lo através de sua força física deveria ter outras formas de compensar sua comunidade, ou seja, através da experiência que adquiriu no decorrer de sua vida. (Da Silva; 2003:97).

Da Silva lembra ainda que

o conceito de velhice foi construído historicamente e se insere ativamente na dinâmica dos valores presentes nas culturas de diferentes sociedades. Na atualidade, esse segmento conquistou maior longevidade e a velhice passou a ser entendida como uma nova etapa da vida, enquanto nas sociedades mais antigas o envelhecimento era individual e não atingia grandes contingentes populacionais, que raramente alcançavam 60 anos de idade. (2003:97)

Para Salgado (apud Da Silva; 2003:99), o envelhecimento é marcado por mudanças biológicas. É a sociedade que determina os direitos e deveres, e que atribui as tarefas a serem desempenhadas dentro das idades biológica e cronológica.

Essa idéia é contestada por Moragas (apud da Silva, 2003:100); para ele “*não podemos definir a velhice só pelo critério cronológico e funcional, impostos pela sociedade*”. A idade é um dado importante, mas não determina a condição da pessoa, nem é sinônimo de incapacidade.

A velhice é uma condição que, além de pessoal, é natural e inerente à vida humana. Causa mudanças biológicas, físicas, psicológicas e econômicas, alterando o dia-a-dia das pessoas. Em certas sociedades, a ênfase na idade cronológica é uma maneira de atribuir à velhice os estigmas de perdas, fraqueza e limitações.

Em muitas culturas, a velhice significa respeito e veneração, fonte de sabedoria acumulada. Em outras, como a nossa, significa decrepitude, dependência etc.

No entanto, segundo Messy, *“o envelhecimento é um processo que se inscreve na temporalidade do indivíduo, do começo ao fim da vida. É feito de uma sucessão de perdas e aquisições”*. (1993:13)

O envelhecimento é um processo natural e dinâmico e a velhice não é sinônimo de doença ou de incapacidade. Ela sofre interferências externas, como intervenções médicas e mudanças sociais, ambientais e econômicas. São estas que determinam a qualidade de vida. Para Messy, *“a velhice não é um processo como o envelhecimento, é um estado que caracteriza a posição do indivíduo idoso”* (1993:17)

Em Birman, lemos que

Ser idoso ou ser jovem não é uma questão tão simples de ser definida [...]. As concepções de juventude e de velhice se transformam radicalmente ao longo do nosso percurso existencial, isto é, o que é ser jovem ou velho se modifica substancialmente ao longo de uma existência. (1995:29)

Birman prossegue:

No campo teórico da delimitação dos períodos etários da existência, como em qualquer outro aliás, é preciso considerar que as positivities em pauta são construídas pela mediação de conceitos, e que a produção conceitual é regulada por valores e por representações sociais que definem as condições históricas de possibilidades de seus enunciados.(1995:30)

Segundo Bruno (2000), a velhice, como uma categoria socialmente construída, é vista e tratada de maneira diferente, dependendo do período

histórico e da estrutura social e política. Com isso, não há um conceito absoluto de velhice.

Clarice Peixoto lembra que na França, no século XIX, a velhice servia para “*caracterizar pessoas que não podiam assegurar seu futuro financeiramente*” (1993:71). Pessoas sem posses e indigentes eram chamadas de velhos, enquanto os que possuíam bens e tinham status social eram designados como idosos. O Brasil seguiu um processo semelhante ao da França, embora mais recentemente. Neste País, o objeto “velhice” só entrou em cena mais recentemente, a partir da década de 60, do século XX.

Peixoto lembra que foi somente no final do século XIX que os franceses, passaram a dar um tratamento social à velhice. Mas a velhice só atraiu as ciências sociais há poucas décadas. Segundo Peixoto, foi só a partir dos anos 70, do século passado, que a antropologia e a sociologia passaram a incluir a velhice e o envelhecimento entre seus objetos de investigação. O que decorreu do

rápido aumento da população de mais de 60 anos - que virou um “problema social”. E o que tornou a velhice um problema social foram sobretudo as conseqüências econômicas, que afetaram tanto as estruturas das empresas – e posteriormente do Estado, com o advento das aposentadorias - , quanto as estruturas familiares, que até então arcavam com os custos de seus velhos, incapacitados para sustentar a si mesmos. (1993:70)

A transferência dos encargos da velhice para outras instâncias interferiu nas relações entre as gerações pois, segundo Jean Stoetzel (1954),

a família-protetora é substituída cada vez mais pelo grupo social ou pelo Estado-protetor, não apenas nos fatos, mas também nas atitudes. Onde, na sociedade tradicional, o individuo teria se voltado para a família, ele se volta, legitimamente, para o Estado. (apud Peixoto, 1993:70)

Na França, a partir dos anos 60 do século XX, com a nova política social para velhice, a elevação das pensões e o aumento do prestígio dos aposentados, tem início uma outra representação das pessoas envelhecidas, não são mais tratadas de forma pejorativa. Com o termo “idoso”, os velhos se tornaram pessoas respeitadas; ficaram mais valorizados quando foi criada a categoria “aposentado”, que dá melhores condições de vida e que fornece um estatuto social reconhecido. (Peixoto, 1993:93).

Beauvoir acrescenta, ainda, que a velhice não tem um marcador etário nitidamente marcado; daí o fato de ela diferir de sociedade para sociedade, de época para época e de pessoa a pessoa. O momento que começa a velhice é mal definido, varia de acordo com a época e os lugares. Praticamente inexistem “ritos de passagem” que estabelecem um novo estatuto para os velhos (1990:9). A velhice não é uma condição estática; ela é o resultado e o prolongamento de um processo, de mudança, de decadência física. Por isso Beauvoir afirma que *“a velhice não poderia ser compreendida senão em sua totalidade; ela não é somente um fato biológico, mas também um fato cultural”* (1990:20).

2. O envelhecimento no mundo e no Brasil

O fato de o Brasil ter vivido, nos últimos 50 anos, uma acentuada transição demográfica não é nenhuma novidade. Esta transição vem sendo investigada por vários pesquisadores.

Conforme Furtado, o processo de envelhecimento da população é motivado *“pela queda nas taxas de fecundidade e pela elevação da esperança de vida”* (2005:3); ele é um fenômeno mundial. Pelos dados do IBGE (2002), o número de pessoas com 60 anos ou mais passou, em todo o planeta, de 204 milhões em 1950, para 579 milhões em 1998.

Calcula-se que, em 2050, o mundo terá aproximadamente 1,9 bilhão de idosos, número equivalente ao das crianças de 0 a 14 anos de idade. Nos países desenvolvidos, a população idosa corresponderá, naquele ano, a um

terço da população total. Mesmo nos países em desenvolvimento, onde as taxas de fecundidade ainda serão maiores e a esperança de vida ao nascer menor que a dos países do Primeiro Mundo, os idosos constituirão cerca de 20% da população total. (Santos, 1999).

O Brasil acompanha essa tendência de envelhecimento populacional. Os últimos dados da Contagem Populacional, realizada em 1996, mostraram que a população brasileira contava com quase 8,4 milhões de idosos (pessoas com mais de 65 anos de idade).

Observa-se que cerca de 14,5 milhões de pessoas, ou 8,6% da população brasileira, tinham pelo menos 60 anos de idade no final do século recém terminado, contra 10,7 milhões em 1991 (7,3% da população). Apesar de um aumento de quase quatro milhões, no montante de idosos ao longo da década, a população brasileira era relativamente jovem se comparada aos países desenvolvidos. Na Europa, em 1999, havia uma média de um idoso para cada grupo de cinco indivíduos. Nos Estados Unidos e Canadá, a proporção de idosos girava em torno de 16% da população total; no Japão a participação dos idosos na população total subia para 22,3%. (Furtado, 2005)

No âmbito da população idosa brasileira, as taxas de crescimento demográfico na década passada variaram na proporção direta de idade; assim, o grupo de 60 a 64 anos apresentou um crescimento populacional de 26,5%, enquanto o grupo de pessoas com 75 anos ou mais de idade cresceu nada menos que 49,3%! Como esse é o segmento que mais cresce na população em geral, estima-se que um em cada 20 brasileiros terá em breve, 65 anos ou mais de idade. Os estudos demográficos estimam que, em 2025, o Brasil será o sexto país do mundo em número de idosos. Essa mudança acelerada do padrão demográfico mundial e nacional suscita vários desafios relacionados à gestão de políticas públicas, sobretudo as relacionadas à prestação de serviços de saúde e à seguridade social.

Os meios de comunicação de massa vêm dedicando cada vez mais espaço à questão do envelhecimento; vêm mostrando como a população idosa torna-se numericamente cada dia mais representativa, o que aponta para um

tipo de consumidor potencial ainda pouco trabalhado pelo mercado. (Santos, 1999)

No entanto, Veras e Alves (1995) assinalam que o Brasil tem grandes disparidades econômicas e sociais; desigualdades expressas pela má distribuição de renda e pela distribuição geográfica. Cada região tem suas particularidades socioeconômicas que geram diversas experiências de envelhecimento e modos singulares de qualificar a vida.

Berquó e Leite (1988) e Veras et. al. (1987) assinalam que na década de 1980, 70% da população maior de 60 anos encontrava-se nas regiões urbanas, em razão do processo migratório da década de 1950. O desemprego rural, as diferenças de salários entre o campo e cidade, a maior oferta de serviços públicos na cidade, assim como a influência dos meios de comunicação de massa, criaram ilusões de vida melhor na cidade.

Estes conjuntos de dados indicam contextos singulares de construção das experiências de velhice no Brasil; contextos em que o velho responde de modos distintos, dependendo da história pessoal, da disponibilidade de suporte afetivo, do nível social e do sistema de valores pessoais e sociais predominantes.

3. Velhice e qualidade de vida

O expressivo crescimento da população idosa no Brasil tem levado muitos pesquisadores a se interessarem no estudo dos diferentes aspectos da vida dos idosos.

Entre os profissionais da área de saúde existe um consenso em considerar a importância do envelhecer com qualidade de vida. As várias discussões sobre este conceito (qualidade de vida) giram em torno de seus indicadores, que podem ser objetivos e subjetivos. Os objetivos referem-se às condições de saúde, ao ambiente físico e à qualidade da habitação; os subjetivos ligam-se à auto-realização, às boas relações interpessoais, às crenças religiosas e às relações conjugais, familiares e de amizade. (Ferraz; Peixoto, 1997)

Avaliar a qualidade de vida na velhice implica a consideração de vários fatores de natureza biológica, psicológica e sócio-estrutural (Néri, 1993). Para Néri, vários são os fatores de satisfação: controle cognitivo, competência social, produtividade, atividade, status social, renda, continuidade de papéis familiares e ocupacionais e continuidade de relações informais, como a rede de amigos.

Com relação à qualidade de vida do idoso, Rudinger e Thomae, (apud Néri, 1993) identificam sete fatores relacionados ao bem-estar na velhice. São eles:

- satisfação com a família;
- saúde biológica;
- percepção de saúde e de lidar com os problemas;
- interações sociais, familiares e atividades desempenhadas com a família;
- suporte material representado por uma boa situação econômica;
- capacidade de manter contatos sociais
- avaliação do idoso sobre sua situação, ou seja, a forma como ele lida com a morte, perspectiva de tempo futuro, valorização do passado e como representa suas potencialidades atuais.

Os profissionais de saúde consideram que as relações interpessoais, somada à autonomia e independência, são requisitos essenciais para a qualidade de vida dos idosos. São, também, importantes indicadores de saúde.

Dessa forma, a qualidade de vida é produto e processo; diz respeito aos atributos e às propriedades que qualificam a vida e dão sentido à existência de todo ser humano. Diz respeito às características do fenômeno “vida”; ao como esta se apresenta, ao como se constrói e ao como o indivíduo sente o constante movimento de tecer o processo de viver nas interações humanas (Patrício; 1995).

Observa-se, então, que a qualidade de vida do ser humano expressa a qualidade de sua saúde, suas possibilidades e limitações individuais e

coletivas. Representa o processo de satisfação das necessidades primitivas e culturais do bem viver, de sobrevivência e de transcendência, como ter alimentos, conhecimentos, abrigo, afetividade e trabalho dignos. (Patrício,1995)

Percebe-se que a vida humana tem sido um movimento constante de busca de satisfação e de inibição de sofrimentos.

Em 1986, a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) realizou, em Otawa, Canadá, a Primeira Conferência Internacional sobre a Promoção de Saúde. Dela resultou a “*Carta de Otawa sobre a Promoção de Saúde*”, um documento de referência mundial. A carta enfatiza o conceito positivo de saúde; conceito associado aos recursos sociais, pessoais e capacidades físicas para o desenvolvimento social, econômico e pessoal; dimensões importantes da qualidade de vida de homens e mulheres idosos, considerando-os “*potencialmente capazes de controlar os fatores determinantes da própria saúde*”. (CAÑIZARES, 2003:10)

O documento destaca a importância da participação ativa das pessoas na melhoria de suas condições sanitárias e do modo de vida, promovendo uma “cultura da saúde”.

No Brasil, a *Política Nacional do Idoso* foi regulamentada em 1996 (MPAS/1996 - Ministério da Previdência e Assistência Social); trata-se de uma política que incorpora os princípios de promoção da saúde e que propõe estratégias de implantação em todo o país. (CAÑIZARES, 2003)²

Outro documento importante para melhoria de vida do idoso é o Estatuto do Idoso, sancionado em outubro de 2003 e em vigor desde 01 de janeiro de 2004 (Lei 10.471).

No Estatuto do Idoso, uma das conquistas é a idade mínima para concessão da aposentadoria, que caiu de 67 para 65 anos. Com isto, o INSS passou a ter uma despesa de R\$ 60 milhões a mais com o benefício. O Estado tem, agora, a obrigação de garantir remédios, médicos e hospitais aos idosos. A lei também determina o fim de todo tipo de discriminação às pessoas com mais de 60 anos, inclusive na contratação de planos de saúde.

² A Política Nacional do Idoso (PNI), considera idosa a pessoa com idade igual ou maior de sessenta anos. Assim procedendo, nosso País respeita o critério da OMS, para países em desenvolvimento.

4. O idoso e o trabalho

Afirmações de vários autores que trataram da vida do idoso vêm ao encontro do que significa trabalho para este: participar da sociedade, relacionar-se com o próximo, atualizar-se, ter o suficiente para o seu sustento e ajudar no orçamento domiciliar. Em uma sociedade de consumo, o idoso que trabalha e tem seus ganhos afirma seu status de consumidor (não só de remédios!), contribuindo para a diminuição da rejeição social.

No Brasil de hoje, marcado por enorme desigualdade na distribuição de bens e nas oportunidades sociais, o desemprego atinge em especial adultos mais velhos. São homens e mulheres com mais 40 anos que, uma vez desempregados, dificilmente conseguem um serviço. Afinal, se a economia não consegue criar empregos para os jovens, o que dizer dos mais velhos.

Néri afirma que “*nossas leis de proteção aos direitos dos mais velhos ao emprego e à aposentadoria na prática, são letra morta*” (2002:8). Estes são afastados antes dos 60 anos ou ao completar tempo para aposentadoria. São retirados do trabalho formal e, em consequência, são expostos a escassos benefícios sociais.

Mas quem é o trabalhador idoso? Segundo Néri, até 1960, a idade que considerava um trabalhador idoso ia de 50 a 55 anos. Hoje, até em países desenvolvidos, pessoas que mal atingem 40 anos têm menos oportunidades de emprego; transformam-se em vítimas do desemprego e são, porque envelhecidos, indesejáveis no mercado de trabalho. Com isso, os critérios utilizados para definir quem é o idoso tornam-se confusos. Setores como a informática e altos cargos administrativos de grandes empresas estão considerando “velhas” pessoas com menos de 40 anos.

Por causa dos estereótipos correntes sobre velhice e envelhecimento, os trabalhadores mais velhos tendem a ser vistos como obsoletos, improdutivos, resistentes à mudança e desmotivados. Essas avaliações são apontadas como justificativas para não investir neles, visto que pouco se acredita

no retorno dos custos do seu treinamento, e enfim para afastá-los do trabalho, para que seus erros não prejudiquem a organização. (Néri, 2002:10)

Mas há exceções. Em locais onde os procedimentos de trabalho não mudam constantemente ou nas empresas de imagem mais conservadoras os idosos são mais valorizados.

Certos locais, como hotéis e pousadas, fábricas de remédios, de fraldas, de comidas para bebês, empresas de seguros e previdência privada valorizam a presença de pessoas mais velhas. Estes são eficientes em lugares que requerem persistência, experiência, assiduidade e cuidado; são mais flexíveis e motivados para enfrentar o trabalho, capazes de adaptar-se a mudanças tecnológicas, mesmo estando em desvantagem educacional em relação aos mais jovens.

Néri lembra do mito que os idosos não têm nada para oferecer à sociedade, o que não corresponde à verdade, pois os idosos, mesmo não tendo emprego formal, têm produtividade em trabalhos voluntários como cuidar de crianças enquanto os pais trabalham, cuidar de doentes e de idosos, cuidar da casa e ocupar-se no mercado de trabalho informal. É difícil estimar o valor deles na economia; mas estes trabalhos representam a sobrevivência para a grande maioria da população.

O desemprego dos adultos mais velhos e dos idosos é mais devido à falta de oportunidades educacionais e de treinamento em serviço e aos preconceitos de que ao envelhecimento em si mesmo. (Néri, 2002:13)

Além das aposentadorias, a antiga Renda Mensal Vitalícia, hoje substituída pelo Benefício da Prestação Continuada são, muitas vezes, a única renda assegurada de uma família. Com o aumento de idosos chefiando famílias, são fatores de equilíbrio social, não de carga.

Para o idoso, como para qualquer outro ser humano, o trabalho é uma forma de socialização; é por meio dele que as pessoas se relacionam com as outras e com os trabalhadores. Tenho visto muitos médicos idosos que, mesmo parando de trabalhar, vão ao hospital não para trabalhar, mas para conversar e trocar idéias.

Na sociedade de hoje, aposentar-se é um grande problema para muitos idosos. Os rendimentos caem, pois o valor das aposentadorias é, muitas vezes, bem inferior ao da vida ativa. A aposentadoria representa, assim, uma descontinuidade; uma ruptura frente às atividades desenvolvidas antes dela, além de causar empobrecimento, desqualificação e de gerar angústia e depressão.

Para Hemingway,

A pior morte de um individuo é quando perde o que forma o centro de sua vida, e que faz dele o que realmente ele é. Aposentadoria é a palavra mais repugnante da língua. Seja por escolha ou por imposição do destino, a palavra aposentar-se é abandonar nossas ocupações - essas ocupações que fazem de nós o que somos - equivale a descer ao túmulo. (apud Beauvoir, 1990:325)

Com a perspectiva de muitos anos de vida depois da aposentadoria, os idosos estão procurando atividades fora de casa. As cidades, no entanto, não estão preparadas para atendê-los e eles enfrentam grandes dificuldades, especialmente, no trânsito e no sistema de transporte urbano. Isso sem considerar o que alguns autores chamam de “armadilhas do espaço urbano”, a exemplo de pisos escorregadios, buracos em ruas e calçadas, degraus etc. Tudo parece contribuir para a reposição da idéia, tão disseminada, de que o lugar do idoso é sua casa.

Em 04/05/02, O *Jornal Hoje* citou uma pesquisa, realizada pela Fundação Oswaldo Cruz, sobre os avanços da medicina, pois as mortes por

problemas de saúde vêm diminuindo. Paralelamente, algumas causas externas – como acidentes e violência urbana – têm desempenhado um importante papel. Não há planejamento urbano, faltam rampas e passarelas. De acordo com o estudo citado, 3,5% das causas de morte decorrem de quedas em lugares públicos e de acidentes nos meios de transporte.

Não podemos minimizar o impacto disso para os idosos que trabalham fora de casa, com carteira assinada ou não.

5. Representações da aposentadoria

A aposentadoria representa “*a expectativa de um descanso justo e sustentado financeiramente pelo Estado*” (Graeff, 2002:4), em razão de 30 anos ou mais de produção de bens e serviços; é considerada uma recompensa, pois o sujeito, ao se liberar do trabalho, vê diminuídas suas responsabilidades e recebe um prêmio financeiro por sua luta como trabalhador.

Graeff publicou um trabalho de pesquisa sobre a aposentadoria; ao entrevistar um trabalhador ouviu dele que “*a aposentadoria é um prêmio que a pessoa ganha (...). Eu acho que a aposentadoria vem premiar aquelas pessoas que trabalharam, que lutaram, que deram alguma coisa pró nosso país, né?*” (2002:4)

No entanto, há casos em que o entrevistado apresenta uma justificativa baseada no mérito, pois receberá o prêmio se, realmente, tiver se esforçado em prol de algo maior. Desse modo percebemos que o trabalho “*é percebido como um período de luta, é recompensado com uma aposentadoria satisfatória do ponto de vista pecuniário*”. (Graeff, 2002:4)

Sá (apud Graeff, 2002) lembra que a Teoria das Representações Sociais foi desenvolvida por Serge Moscovici, no trabalho “*La psychanalyse, son image et son public*”. Nele o autor procurava identificar o que se verificava quando um novo campo de conhecimento - a Psicanálise – se espalhava em uma determinada população.

Ibañez (1994) refere que as representações sociais são um processo de construção da realidade; processo influenciado pelo conjunto das condições econômicas, sociais e históricas em uma determinada sociedade, pelos mecanismos de ancoragem e objetivação e pelas várias modalidades de comunicação social.

Desse modo podemos afirmar que a aposentadoria cerca-se de uma representação social. Conforme Graeff (2002:2), *“a aposentadoria, como saber constituído e constituinte, é muito mais do que a simples soma de representações individuais de um determinado grupo”*. Ela envolve uma matriz de pensamentos de senso comum inseridos em um contexto sociocultural e econômico maior.

Para Carlos et al. (1998), o termo “aposentadoria” aparece vinculado a duas idéias: a de se retirar aos aposentos, recolher-se ao espaço privado de não trabalho, o que leva a contribuir para o aspecto depreciativo que envolve abandono e inatividade; e à de jubramento, idéia associada a prêmio, recompensa e contentamento.

Rodrigues afirma que a aposentadoria apresenta a idéia de inatividade e sua respectiva remuneração; duas idéias são decisivas para que possamos compreender suas conseqüências na vida daquele que se aposenta, pois

requer um condicionamento mental e social que a maioria das pessoas não possui, e isso porque a cessação da atividade profissional constitui uma exclusão do mundo produtivo, que é a base da sociedade moderna. (Rodrigues, 2000:27)

Segundo Rodrigues, a aposentadoria, como instituição social, apresenta características contraditórias:

se, de um lado, alguns a vivem como um tempo “liberdade”, de “desengajamento profissional”, de “possibilidade de realizações”, de “fazer aquilo que não teve tempo de fazer” durante a vida ativa, de “aproveitar a vida”, de “não ter mais patrão, horários

obrigatórios”, etc., de outro, outros a consideram como “tempo de nostalgia”, de enfado, etc. (Rodrigues, 2000:28).

Peixoto (1998) cita que, no Brasil, a primeira concessão a aposentadoria ocorreu em 1890, quando o Ministério da Função Pública concedeu aos trabalhadores de estradas de ferro federais o direito a ela. Nos anos seguintes, vários outros trabalhadores conseguiram esse direito, a exemplo dos funcionários do Ministério das Finanças (1891) e da Marinha (1892).

Em janeiro de 1923, foi promulgada a Lei Eloy Chaves que criou as Caixas de Aposentadorias e Pensões (CAPs). Esta lei foi o ponto de partida para Previdência Nacional, pois contemplava um sistema de proteções sociais para o trabalhador, como assistência médica, aposentadoria-doença e pensões para família em caso de morte do segurado.

Nos anos de 1930, o sistema de aposentadoria e pensões estendeu-se para outras categorias de trabalhadores. Em 1933, foi criado o primeiro fundo de aposentadoria por categoria profissional: o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos (IAPM). Os funcionários públicos criaram os IAPs. Em 1966, houve a unificação da CAPs, IAPMs e IAPAS em um só instituto: o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS).

Peixoto lembra da criação

em 1973, pelo Ministério do Trabalho e pelo INPS, da aposentadoria-velhice, concedida aos homens de mais de 65 anos e às mulheres de mais de 60 anos, e o decreto-lei de 1974, que cria uma renda mensal vitalícia (60% do salário mínimo) para as pessoas de mais de 70 anos. (Peixoto, 1998:79)

Com a Constituição de 1934, no governo de Getúlio Vargas, houve maior progresso no campo das leis trabalhistas: jornada de trabalho de 8 horas, férias remuneradas, estabilidade no emprego, indenização por dispensa sem justa causa e uma lei para fixar o salário mínimo.

A aposentadoria é um direito social estabelecido em lei; uma remuneração concedida aos trabalhadores dos setores públicos ou privados e que prestaram serviços por longos anos, ou se tornaram incapacitados para o exercício de suas atividades.

No setor público, a aposentaria é compulsória quando o servidor completa 70 anos; os que atingem essa idade passam automaticamente para inatividade, independente de sua vontade. A aposentadoria dos trabalhadores regidos pela legislação trabalhista, a exemplo dos servidores públicos, também pode ser por tempo de serviço, por invalidez, por velhice ou em regime especial. Sendo uma garantia geral, deve ser sujeitar-se a regulamentações específicas. Essas condições estão definidas na Constituição Federal de 1988 e nas respectivas Leis Complementares.

Conforme pesquisa do IBGE (2002), idosos brasileiros assumem um papel cada vez mais importante na sociedade. O número de idosos está aumentando; 62% são responsáveis pelo lar, ou seja, pagam as despesas. O maior rendimento médio entre os mais velhos é registrado no Rio de Janeiro e no Distrito Federal. São aposentados que ganham entre R\$ 1000,00 e 1800,00 por mês; por outro lado, a menor renda média é paga no Maranhão: R\$ 280,00 mensais.

Segundo dados do IBGE (2002), o desemprego diminuiu entre as pessoas mais velhas; assim, o mercado de trabalho está valorizando a experiência.

Atualmente, no Brasil, quatro milhões e seiscentos a trinta e três mil pessoas com mais de 60 anos trabalham. Por opção ou necessidade, o emprego na velhice faz bem, dizem os especialistas; ele mantém a pessoa ativa.

É interessante observar o que foi citado no Jornal Hoje, em 18/11/2002:

a presença de veteranos nas máquinas indica uma mudança no mercado. Muitas empresas gaúchas estão derrubando o preconceito de que o idoso não é produtivo. Eles não só são

mantidos nos postos de trabalho, como servem de referencia aos funcionários mais jovens.

No Nordeste, a população de idosos é de mais de quatro milhões de pessoas. Cerca de 40% têm algum tipo de atividade e mais da metade sustenta a família. Segundo pesquisa do IBGE, dois motivos contribuem muito para a grande concentração de idosos trabalhando na região nordestina: a baixa escolaridade e o baixo rendimento. A região concentra os menores salários pagos no Brasil.

Quando o Estatuto do Idoso começou a vigorar, garantindo uma renda mínima de um salário mínimo para quem tem mais de 65 anos de idade, observou-se que seriam beneficiados 250 mil idosos que nunca contribuíram para a Previdência Social.

Conforme reportagem do *Jornal da Globo* (01/01/2004),

nas áreas mais pobres do país, espera-se um impacto semelhante ao ocorrido quando trabalhadores rurais passaram a ter direito à aposentadoria, durante o governo de Fernando Henrique. Com o direito da Previdência no bolso, voltaram a sustentar famílias e movimentar a e economia.

No Brasil, segundo o IBGE, 700 mil pessoas com mais de 70 anos continuam trabalhando. Para muitos, ter uma ocupação é mais que uma necessidade. Mais do que fonte de renda, o trabalho é fonte de vida! O fotógrafo João Quinino se aposentou há 15 anos, mas não se afastou da profissão. *“Pra mim é bom, para a cabeça, para o espírito”*, diz ele. (Jornal da Globo, 01//01/04)

Das entrevistas veiculadas no *Globo Repórter* de 1/7/ 2004, - de volta para o trabalho - retiramos um relato de aposentado sobre o trabalho.

Relato:

“Para muita gente, o aposentado Fernando de Castro, 63 anos, é um homem de sorte. Ele conseguiu trabalho depois de se aposentar. Foram 37 anos de trabalho com carteira assinada.

“Seu Fernando se aposentou em 1991. Era gerente administrativo de uma empresa de cosméticos. Mas, em pouco tempo, viu desabar o sonho de um futuro tranqüilo. Assim, ele relata: “eu imaginava viajar, curtir a vida ao bel prazer. Mas isso foi um sonho que passou”. A nova rotina de dias inteiros sem nada. “Eu fiquei parado sem fazer nada por algum tempo e isso me deixou muito mal.” Conforme cita, isto pesou no bolso, “quando você esta na ativa, tem um rendimento espetacular. Quando você se aposenta, a sua renda desaba”.

Percebeu que precisava reagir. Mas a realidade se revelou cruel na hora de voltar ao mercado de trabalho. É como se uma vida profissional inteira não tivesse nenhum valor. “Foi uma tristeza. Eu distribuía currículos, ia para varias entrevistas, tinha o perfil que a empresa precisava, mas não tinha a idade ideal”.

Há quatro anos, Sr. Fernando vende cosméticos de porta em porta. Na empresa só 7% dos vendedores são homens. As clientes gostam e apóiam a iniciativa do aposentado.

Seu Fernando abriu mão de cargos e status, mas está certo de que ganhou algo mais.

“Você ativa os neurônios e se renova a cada dia, porque a cabeça e o corpo estão trabalhando. Tudo isso parado enferruja e envelhece muito mais rápido”, diz ele.

No caminho de volta ao mercado de trabalho, o aposentado Fernando aproveita o que tinha de mais valioso na bagagem.

“Hoje eu uso minha experiência em meu próprio benefício em vez de estar usando para alguma empresa. Estou muito feliz, satisfeitíssimo”, comemora ele.

No entanto, o que presenciamos é que o descanso merecido depois dos esforços que se fez para ganhar a vida é hoje privilégio de uma minoria de aposentados brasileiros. Segundo uma pesquisa realizada por uma empresa de Recursos Humanos, só 4% dos aposentados não querem ou não precisam voltar ao trabalho; para os 96% que não conseguem viver só com a aposentadoria a batalha é feroz. A concorrência com os jovens é implacável e, quase sempre, o salário é menor que o dos tempos da ativa. Apesar disto, cresce o número de empresas que têm, em seus quadros, quem está começando e quem tem muita experiência, o que mostra que muitas pessoas já aposentadas estão voltando ao mercado de trabalho.

Em uma dessas empresas, foi constatado que o aposentado falta 14% menos que os outros funcionários. (Jornal da Globo, 20/9/2002)

Assim se expressou a recepcionista Romilda Arbelli,: *“por ter essa oportunidade de trabalhar, a gente quer se aperfeiçoar cada vez mais, quer fazer o melhor.”*(Jornal da Globo, 20/9/02)

A assistente de marketing Margarida Hospolarski é a prova disso. Em 1992, aposentou-se como secretaria executiva, mas não podia parar. Na empresa, recomeçou uma carreira: *“Eu entrei também como recepcionista, fui promovida, tô aqui no marketing”*. (Jornal da Globo, 20/9/02)

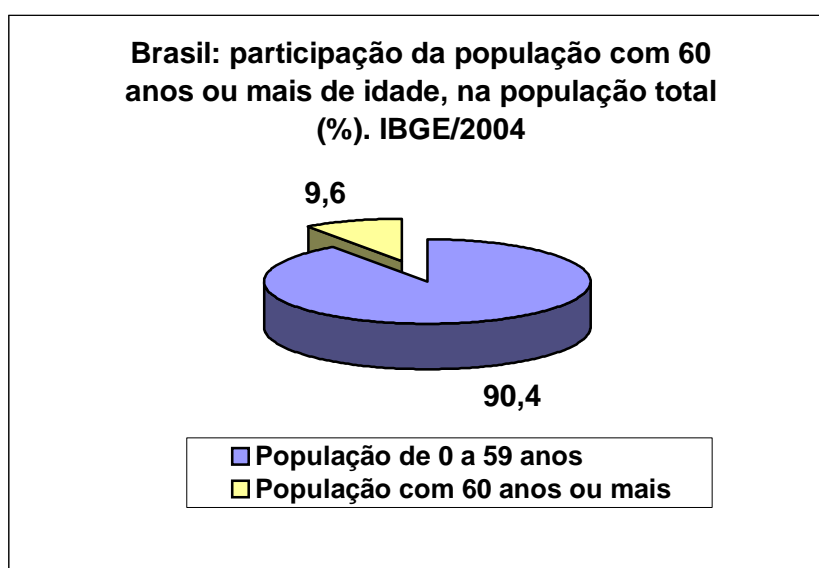
CAPITULO IV

O IDOSO NO MERCADO DE TRABALHO

Os dados aqui apresentados foram retirados, basicamente, do documento *Síntese dos Indicadores Sociais 2004*, do IBGE.

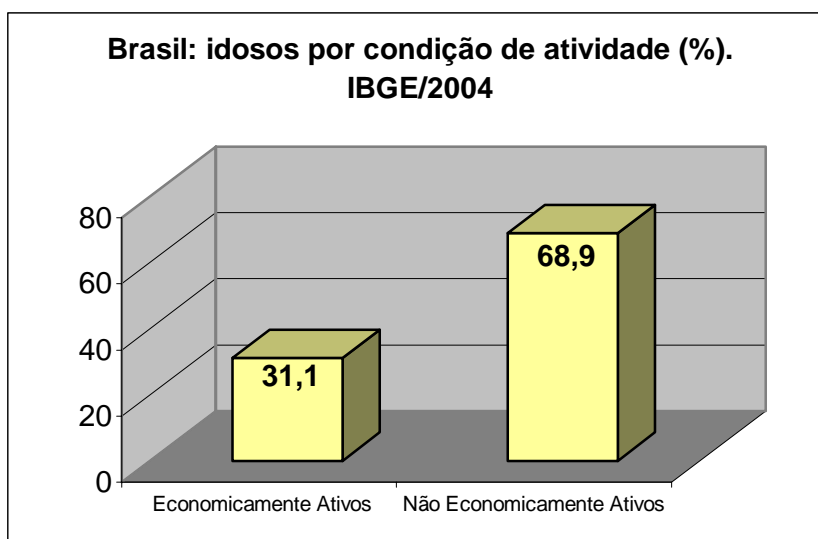
A primeira constatação refere-se ao expressivo aumento da população idosa em comparação aos dados do Censo de 2000. Em 2000, a participação percentual da população idosa na população total era de 8,6%. Em 2003, o IBGE registra a existência de 16,7 milhões de idosos, o que equivale a 9,6% da população. (Gráfico 1)

Gráfico 1



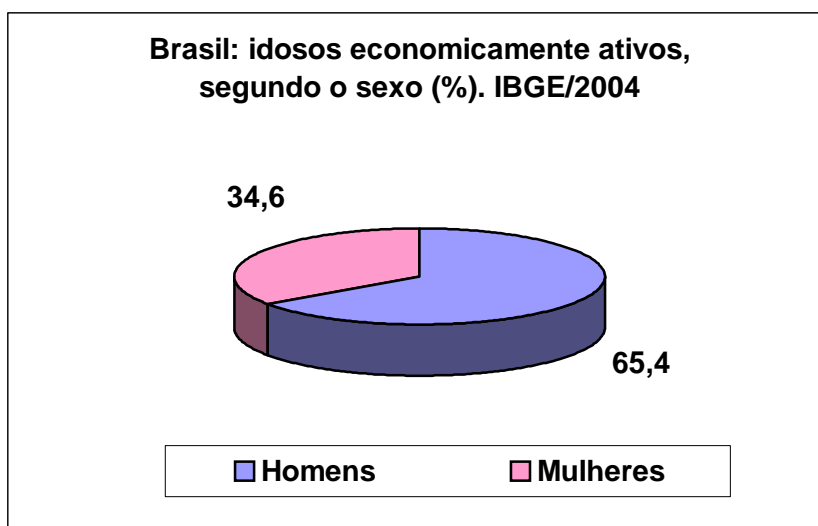
Desses 16,7 milhões de brasileiros com 60 anos ou mais de idade, 5.2 milhões fazem parte da População Economicamente Ativa (PEA). (Gráfico 2)

Gráfico 2



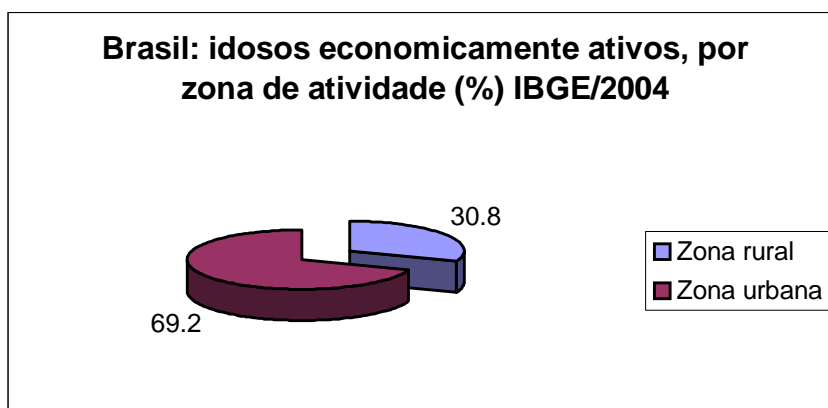
Dos 5,2 milhões de idosos economicamente ativos, temos a seguinte distribuição por sexo: 3,4 milhões de homens e 1,8 milhões de mulheres. (Gráfico 3)

Gráfico 3



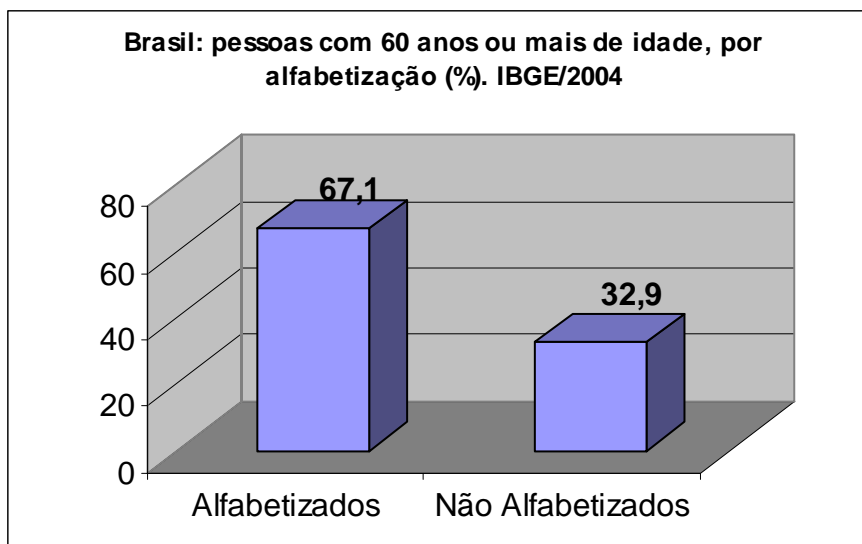
Dos idosos economicamente ativos, a grande maioria (3,6 milhões) trabalhava na zona urbana; na zona rural, estavam ocupados 1,6 milhões de idosos. (Gráfico 4)

Gráfico 4



Quanto à escolaridade da população idosa total (16,7 milhões), temos os seguintes dados: 11,29 milhões de alfabetizados³ e 5,43 milhões de não alfabetizados. (Gráfico 5)

Gráfico 5



³ Considera-se “alfabetizada” a pessoa capaz de ler e escrever um simples bilhete.

Do total de alfabetizados, o número médio dos anos de estudo é de 3,5 anos (3,7 anos entre os homens e 3,3 anos entre as mulheres).

Do total de idosos, temos 35,2% sem instrução ou com menos de um ano de estudo e 21% com um a três anos de estudo.

Em 2003, cerca de 15,4 milhões de pessoas de todas as faixas etárias procuraram emprego; destes, 239.200 mil eram idosos. (Gráfico 6)

Gráfico 6

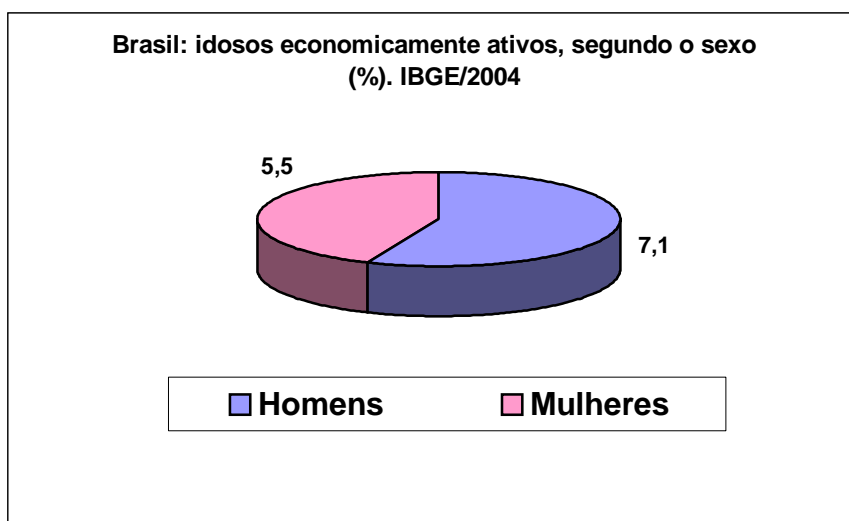


Quanto à condição dos idosos na família, dos 16,7 milhões, 65,1% são pessoas de referência.

Entre os idosos tínhamos, em 2003, 1,1 milhões empregados; destes, 426,3 mil tinham carteira de trabalho assinada. Outros 2,1 milhões trabalhavam por conta própria e o restante estava ocupado em outras atividades, a exemplo do trabalho doméstico ou por conta própria.

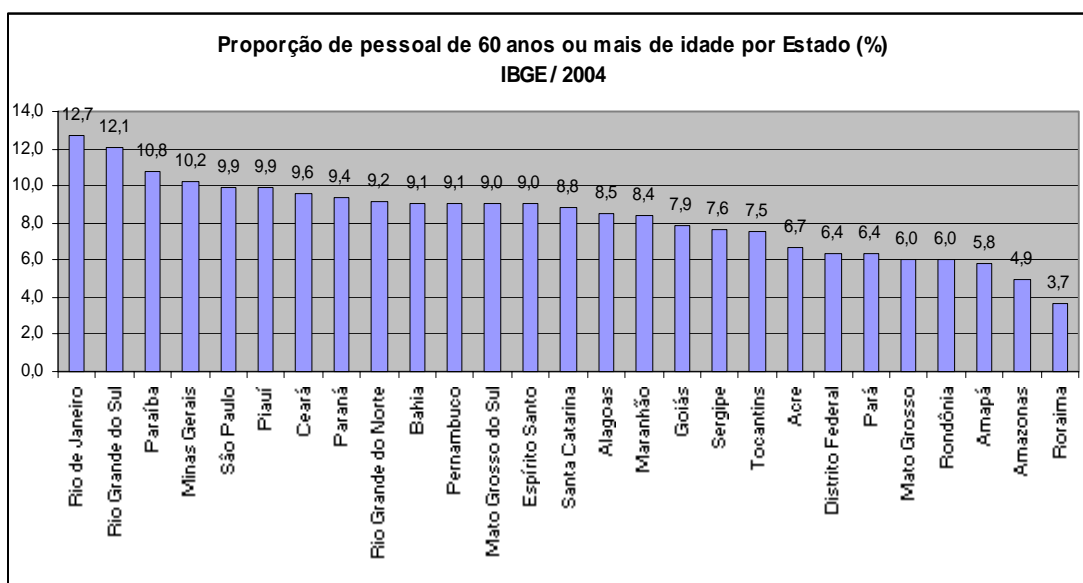
Do total, as pessoas ocupadas (6,4%), 7,1% eram homens e 5,5% eram mulheres. O número médio de anos de estudo dos idosos ocupados era de 3,6, com pouca variação entre homens e mulheres (3,6 anos aos homens e 3,5 anos às mulheres). (Gráfico 7)

Gráfico 7



Segundo dados do IBGE, os Estados que têm a maior proporção de pessoas de 60 anos ou mais de idade, são: Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraíba, Minas Gerais, São Paulo e Piauí. (Gráfico 8)

Gráfico 8



Em matéria publicada no Jornal Estado de São Paulo, em 07/10/04, Ana Amélia Camarano cita que de cada quatro lares brasileiros em um vive, pelo menos, um idoso; 54% dos idosos contribuem no orçamento familiar, representando uma importante fonte de renda. A pesquisa do IPEA levanta a discussão sobre gastos públicos na Terceira Idade, pois segundo ela,

Os idosos têm sido vistos como grandes consumidores de gastos públicos. Mas o debate não leva em consideração as transferências da renda do idoso para filhos e netos, que tem um efeito multiplicador importante nessas 25% das famílias que vivem com pelo menos um idoso. Nessas famílias, mais do que contribuindo com o orçamento familiar, a renda do idoso leva a que menos crianças trabalhem e freqüentem mais a escola. (www.estadao/noticias; capturado em 12/5/05)

A Constituição de 1988 institui a aposentadoria rural e o piso de um salário mínimo para aposentadoria e pensões. Isso foi importante para aumento da renda do idoso.

Segundo Camarano (2004), em 2000, 87,1% dos idosos masculinos chefiavam famílias e 72,6% deles trabalhavam 40 horas ou mais semanais. Apenas 12,7% dos idosos tinham rendimentos inferiores a um salário mínimo.

CAPITULO V

A Pesquisa de Campo

Para o desenvolvimento da pesquisa, optou-se pela abordagem quali-quantitativa dos dados, cuja diretriz principal é a existência de uma relação dinâmica entre o mundo objetivo e o sujeito; de um vínculo indissolúvel entre objetividade e subjetividade.

A pesquisa quantitativa respondeu pelo levantamento de dados estatísticos mais gerais sobre a população idosa economicamente ativa. No entanto, foi a pesquisa qualitativa que permitiu uma investigação mais profunda e reflexiva sobre o lugar e o significado do trabalho na vida do idoso. Como afirma Minayo,

Numa busca qualitativa, preocupamo-nos menos com a generalização e mais com o aprofundamento e abrangência da compreensão seja de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma política ou de uma representação. (2002:102)

A mesma autora prossegue:

Na pesquisa qualitativa a interação entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados é essencial. Sua preocupação é de que “todo o corpo e sangue da vida real componham o esqueleto das construções abstratas”. (2000:105)

Como lembra Chizzotti (1991), o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos atribuindo-lhes um significado.

O fundamento teórico que orientou a pesquisa foi a teoria das Representações Sociais, proposta por Moscovici (1978) para compreender as

representações dos aposentados trabalhadores a respeito do trabalho que desenvolvem.

Assim, tendo como base este referencial teórico-metodológico, objetivou-se a reconstrução da fala dos trabalhadores idosos aposentados, ou seja, a análise do sentido que o sujeito falante desloca, condensa, reconstrói interdita e, assim, por adiante.

Nesta perspectiva, captar as representações implicou, também, em captar conceitos, imagens e fantasias presentes no processo de pensamento que interferem diretamente no conhecimento e interpretação da realidade.

1. Do local e dos sujeitos

As entrevistas foram realizadas com trabalhadores de 60 anos ou mais de idade, em atividade e residentes – com uma única exceção - na cidade de São Paulo. Uma entrevista foi feita com trabalhador rural.

Os sujeitos foram localizados através de indicações feitas por pessoas de minha convivência pessoal.

A pesquisa foi realizada com homens e mulheres com diferentes níveis de escolaridade, profissões e salários.

Participaram do estudo nove indivíduos, sendo seis do sexo masculino e três do sexo feminino. Das entrevistas, quatro foram realizadas no local de trabalho, três na residência, uma na zona rural e uma no meu local de trabalho. Na pesquisa, cheguei a mais homens aposentados em atividade do que mulheres, fato que repõe uma tendência que é geral.

O número de sujeitos foi delimitado pelo critério de “saturação”, ou seja, a recorrência dos conteúdos emergentes nos discursos.

2. Da coleta dos dados

Optamos por realizar entrevistas semi-estruturadas e individuais, utilizando um roteiro que contemplava os seguintes itens:

- Perfil sócio-econômico: idade, estado civil, religião, raça, tipo de família, grau de instrução, profissão etc;
- Trabalho e a aposentadoria;
- Velhice

A maioria das entrevistas foi realizada no local de trabalho ou na residência. De início, por entender que no serviço o idoso poderia omitir algumas informações úteis, tentei realizá-las longe desse ambiente; mas isso não ocorreu. Este ambiente não “contaminou” as respostas dadas. As entrevistas foram desenvolvidas por meio de aproximações sucessivas com o tema central de investigação: o significado do trabalho.

Foi utilizado um diário de campo para anotações consideradas pertinentes, interessantes e esclarecedoras.

As entrevistas foram previamente agendadas por meio de telefonemas ou de contatos pessoais. Ao serem agendadas, foram esclarecidos os objetivos da pesquisa e foi assegurado o anonimato. Mesmo diante da anterior concordância, a cada início de entrevista os objetivos da pesquisa e a garantia do anonimato foram novamente explicitados.

Os sujeitos eram idosos trabalhadores indicados por amigos, colegas de trabalho ou conhecidos. Eu perguntava para eles: “você conhece algum idoso aposentado de 60 anos ou mais que esteja trabalhando?”. Caso a resposta fosse afirmativa, continuava: “pergunta se ele não gostaria de conceder uma entrevista sobre o significado do trabalho após a aposentadoria?”.

Ao pedir para indicarem idosos aposentados para entrevistas, alguns diziam: “conversei com ele, tem o perfil que você quer, mas não quer conceder entrevista, não explicando o motivo”. Respeitei a posição dele, não insisti pois acho que deve ser espontâneo. Outro alegava que não concederia entrevista porque tinha medo que fosse denunciado no INSS e perder a aposentadoria.

Muitas vezes, ocorria de ir até a pessoa para entrevistar, porém esta não tinha 60 anos ou não estava aposentada, agradecia a boa vontade e a cooperação.

Quase todos os entrevistados eram idosos que eu, até então, desconhecia; todos queriam falar tudo de sua vida e trajetória pessoal.

Na pesquisa de campo encontrei muitos desafios; dificuldades de me defrontar com os sujeitos de “carne e osso”! Quando chegava para entrevistar uma pessoa minha ansiedade se somava à do entrevistado.

De minha parte, tinha as seguintes inquietações: Como seria a receptividade do entrevistado? Ele autorizava a gravação? Deixaria de responder algumas questões?

Por outro lado, o entrevistado também poderia estar ansioso, pois não sabia o conteúdo das perguntas.

Portanto, o clima inicial era sempre “tenso”, sendo só no decorrer da entrevista que ficávamos mais “descontraídos”, e começávamos a sorrir e, até, a dar gargalhadas.

Defrontei-me com algumas situações nas quais o entrevistado queria levar o questionário consigo antes da entrevista, o que não permiti pois tiraria a espontaneidade da pessoa entrevistada.

Em algumas entrevistas, quando perguntava algo ao idoso, a esposa queria responder e falar. Explicava que estava sendo gravado e era importante que só o entrevistado respondesse e desse sua opinião. Em algumas entrevistas, demorei cerca de três horas para chegar à casa do respondente e mais duas para poder entrevistá-lo.

Os entrevistados foram identificados pela letra **B**, seguida de um numeral (1 a 9), não só para manter o anonimato, como porque **B** foi usada no sentido de **Batalhador**. É assim que vejo o idoso que continua no mercado de trabalho.

As entrevistas tiveram duração média de 30 minutos e foram realizadas de acordo com a preferência dos entrevistados (em suas casas, no serviço ou em meu local de trabalho).

3. Perfil dos entrevistados

- **Sexo:** dos nove sujeitos, seis eram do sexo masculino e três do sexo feminino.
- **Idade:** 60 a 78 anos de idade.

Percebemos que o benefício da aposentadoria e/ou pensão está praticamente universalizado em relação à população idosa de 70 anos ou mais idade, sobretudo, nos do sexo masculino. O Sul possui maiores proporções de homens aposentados e pensionistas e o Nordeste, de mulheres.

A proporção de idosos ocupados diminui com a idade, independente do recebimento ou não de aposentadoria ou pensão, como é de esperar em razão da degeneração biológica inerente ao processo de envelhecimento, mesmo que este seja diferenciado de pessoa a pessoa.

De acordo com Néri, notamos que em contextos onde imperam fortes desigualdades sociais, traduzidas em baixos índices de desenvolvimento humano, *“a idade cronológica chega a ser um elemento quase irrelevante para definir o acesso ao trabalho formal”*. (2002:10)

Mesmo assim, os trabalhadores idosos sofrem desvantagem graças aos estereótipos que afetam as pessoas mais velhas no contexto de trabalho. Estes estereótipos estão solidamente ancorados em crenças correntes entre os leigos, mas a medicina e a psicologia têm contribuído de maneira importante para sua manutenção.

Cumpramos salientar que, por muito tempo, a medicina e a psicologia abraçaram conceitos negativos de velhice, identificando-a com doença, com incapacidade física e cognitiva, com a rigidez e o afastamento social.

- **Escolaridade:** quatro sujeitos tinham o primeiro grau completo, três eram analfabetos e dois tinham curso superior.

Este dado revela o nível de formação dos entrevistados, o que coloca, para o entrevistador, a importância de passar informações de modo simples,

com habilidade para situar o respondente em seu contexto sociocultural; aspectos fundamentais para o sucesso do trabalho de pesquisa.

De acordo com (IBGE, 2005), o nível educacional é um importante indicador socioeconômico. A proporção de pessoas sem instrução ou com menos de um ano de estudo apresenta um decréscimo nos últimos dez anos para ambos os sexos e grupos etários. Os idosos com menos de quatro anos de estudo, ou seja, aqueles considerados analfabetos funcionais, também sofreram uma redução na sua proporção no período, porém as taxas mantêm-se superiores a 50%.

No Brasil, segundo Censo 2000 (IBGE), 68,8% dos homens de 60 anos ou mais e idade, responsáveis pelos domicílios, sabem ler e escrever; quanto às mulheres, essa porcentagem é de 62,4%.

- **Valor das aposentadorias:** variam de R\$ 300,00 a R\$ 1768,00; apenas um aposentado tem renda de R\$ 5000,00.

Apesar da predominância de aposentadorias de baixos valores, é digno de nota que os idosos - homens e mulheres - respondem, no Brasil, por parcela significativa da renda familiar. Em muitas famílias, os idosos são os principais provedores; eles são a única renda assegurada de famílias de muitos membros, incluindo crianças. Por outro lado, pesquisas têm revelado que vem aumentando progressivamente, no Brasil, o número de famílias chefiadas por pessoas de 50 anos ou mais de idade.

A renda familiar dos entrevistados situa-se entre um e três salários mínimos. Apenas um entrevistado tem renda de mais de cinco salários mínimos. Pesquisa realizada pelo IBGE/PNAD (2003) mostra que 33,4% dos aposentados brasileiros recebem até um salário mínimo de referência. Por outro lado, dados divulgados pelo jornal Folha de São Paulo, em 4/1/06, revelam que, a cada ano, mais beneficiários do INSS recebem um salário mínimo.

A verdade é que são as aposentadorias e pensões que protegem os mais velhos e seus familiares contra a pobreza e, nestes casos, os idosos constituem um fator de equilíbrio social, não uma carga.

- **Religião:** entre os entrevistados, o catolicismo é a opção religiosa hegemônica (77,7%), seguida de evangélicos (22,2%).
- **Raça:** predomina a raça branca (66,6%), seguida da parda (22,2%) e da negra (11,1%).
- **Tempo de aposentadoria:** varia de 9 a 29 anos.
- **Idade que aposentou:** variou de 48 anos a 59 anos.

Percebeu-se que a aposentadoria reflete, para muitos, a expectativa de descanso justo e sustentado financeiramente pelo Estado em razão de trinta ou mais anos de produção de bens e serviços. A aposentadoria é percebida como recompensa. Conforme o sujeito está liberado do trabalho, vê diminuídas suas responsabilidades e recebe um prêmio financeiro por sua luta “como trabalhador”.

No Brasil, o envelhecimento populacional e as alterações nas regras da Previdência para as aposentadorias deverão provocar alterações cada vez mais visíveis na estrutura etária da população economicamente ativa. Na atualidade, a onda de desemprego gerada em parte pelo processo de globalização da economia, mas, sobretudo, pela desigualdade na distribuição de bens afeta bastante os adultos idosos.

Uma vez desempregados homens e mulheres de 40 anos ou mais de idade dificilmente encontram outra colocação, porque os postos de trabalho estão sofrendo drásticos cortes.

Desse modo, o afastamento dos trabalhadores antes dos 60 anos, ou mesmo, antes do tempo que lhes permite completar o tempo de aposentadoria, coloca-os à margem do processo produtivo formal e do acesso aos já escassos benefícios sociais. Criam-se amplas redes de trabalho informal e de subemprego, insuficientes para garantir os direitos de cidadania e prejudiciais à produção de riqueza nacional.

Camarano (2005) cita que os idosos são responsáveis por uma contribuição importante na renda das famílias onde vivem. Esta contribuição vem crescendo ao longo do tempo.(apud VALSECCHI DE ALMEIDA, 2006:89)

4. Resultados

Ao serem indagados sobre as razões da procura de um novo emprego, ou da permanência no mesmo, percebeu-se que os serviços gerais absorvem um maior número de aposentados; ao lado deles, também os serviços qualificados, a exemplo de enfermeira, mestre de manutenção elétrica, perito criminal e motorista.

A maioria dos entrevistados exercia, como assalariados, atividades semi-qualificadas; a mão-de-obra qualificada apresentou valor inexpressivo.

A pesquisa do IBGE/PNAD (2003) mostra a seguinte proporção de idosos ocupados no setor informal: 60 a 64 anos (19,5%); de 70 a 74 anos (15,6%).

De acordo com o SEADE (1998), as mudanças ocorridas na estrutura ocupacional relacionam-se à diminuição de trabalhadores assalariados, que passou de 67,4% em 1994, para 63,8% em 1998, proporção menor do que a verificada nesta pesquisa.

Foi observada, também, a predominância de profissões que exigem qualificação, como motorista, perito criminal, metalúrgico, técnico de eletricista etc.

Apresentamos, a seguir, algumas das respostas obtidas:

“Como considerava uma pessoa pouco idosa, continuei trabalhando.” (B1)

“Porque o salário do aposentado é um salário muito pouco, que não dá.” (B2)

“a gente tem que tê uma renda melhor né? Ganhá mais um pouco e ajudar em casa.” e complementa: “a gente trabalha trinta e pouco anos para aposentar com essa merreca, 540 por causa desse tempo que vem passando esse tempo tudo, e micharia demais, e sempre vem pegando 10% e isso vem acumulando entende.” (B3)

“porque a aposentadoria é pouco.” (B4)

“é dinheiro e também não se pode ficar em casa sem fazer nada.” (B5)

“fiquei um ano sem trabalhar e fiquei doente.” (B6)

“quando se aposentou há 23 anos atrás o salário era de 7 salários e meio” e continua: “ quando eu aposentei você vê que eu tinha um bom salário..... eu não trabalho porque preciso”. Agora com a queda do valor da aposentadoria reclama que o governo está roubando, “então atualmente, sem trabalho não dá, eu preciso trabalhar pra ganhar dinheiro, mudou a situação”. (B7)

Matéria publicada no jornal *Folha de São Paulo* (4/1/06), antes já mencionada, diz que o reajuste do salário mínimo é maior que o dos benefícios acima do mínimo. Por exemplo, em 2004 e 2005 o reajuste do mínimo foi respectivamente de 8,4% e 15,4%, enquanto o reajuste dos benefícios acima do mínimo foi de 4,5% e 6,4 %. Com isso, o valor da aposentadoria está sofrendo uma redução drástica.

Um entrevistado relatou que, logo ao aposentar, sentiu o desprezo pelo serviço de pessoas aposentadas, pois “quando cobrava, ia até fazer um orçamento, o pessoal põe e tal...eu retrucava:

“Olha, se você está procurando preço barato porque eu estou aposentado, você tá enganado, porque eu não trabalho porque preciso, eu trabalho pra ganhar dinheiro é diferente não é? (B7)”.

Outras respostas:

“necessidade de ajudar à irmã que precisava e é uma fonte de rendimento.” (B8)

“as possibilidades da gente, que fazia a gente procurá, porque o que eu recebia quando eu me aposentei era pouquíssimo.” (B9)

A maioria dos aposentados deixou claro que a aposentadoria é pouca, que precisa ajudar a família, que precisa complementar aposentadoria.

Em todo mundo, os mais velhos continuam trabalhando até idades relativamente avançadas. Nos países dominados pela agricultura, homens e mulheres trabalham a vida toda. Em atividades informais, são encontradas pessoas mais velhas que nunca foram formalmente empregadas porque não tiveram oportunidades educacionais para tanto ou porque foram desempregadas precocemente.

Os idosos entrevistados aposentados por tempo de serviço recebem valores mensais maiores que os da maioria da população do País. Mas cumpre lembrar que os anos restringem gradativamente o poder de compra, agravando suas velhices.

Os aposentados percebem a injustiça do sistema previdenciário; dessa percepção resultam sentimentos de ingratidão. A privação econômica resultante da aposentadoria acarreta em uma atitude negativa frente ao processo. (Da Silva, 2003)

Além disso, a perda de status social e a supressão do poder de trabalho mostraram-se decisivos para a quebra das expectativas positivas e as conseqüentes desilusões.

Ao serem solicitados a falarem sobre os desafios para conseguir novo emprego, os entrevistados alegaram dificuldades relacionadas principalmente à idade. Estas dificuldades só são minimizadas pela influência de amigos e parentes.

Em ocupações caracterizadas pela rápida mudança tecnológica e que por isso requerem constante treinamento e reciclagem de conhecimentos e habilidades, é maior a desvantagem aos trabalhadores mais velhos. Mesmo em países desenvolvidos, há evidências de que trabalhadores de mais de 40 anos têm menos oportunidades para educação permanente e continuada do que os mais jovens.

“eu acredito que as pessoas quando aposentam, prá conseguir novo emprego já se torna meio difícil, né? Porque eles vão querer uma pessoa mais jovem prá trabalhar”. (B1)

“geralmente é porque todo mundo sabe que o idoso, quando passa de 50 anos já fica difícil de arrumar emprego, a não ser que seja uma pessoa muito conhecida, ou por apresentação, como por exemplo, um amigo que apresente, porque se você for ver hoje, se eu saí daqui para arrumá outro emprego, geralmente, vai ser muito difícil de arrumá”. (B2)

“Bom, não é fácil não, hoje em dia acho que não pega mais”. (B6)

Por causa de estereótipos sobre a velhice e envelhecimento, os trabalhadores mais velhos tendem a serem vistos como improdutivos, resistentes a mudanças e desmotivados.

Cabisbaixa, uma entrevistada disse:

“a maior dificuldade é a idade da gente, a idade não se tem mais chances de arrumá um serviço não, e depois também a saudinha da gente, a vista que não ajuda, sabe! E tudo isso...” (B9)

Os entrevistados têm consciência da dificuldade de o velho manter-se no mercado de trabalho; percebem que as chances são voltadas aos jovens.

De acordo com Néri (2002), este mito é recorrente no trabalho, pois os mais velhos são, muitas vezes, expulsos com a desculpa de que estão ultrapassados. No entanto em ocupações tradicionais baseadas na experiência, ou em organizações modernizadas, os adultos mais velhos podem usar sua experiência e seu conhecimento sobre técnicas produtivas e sobre a cultura organizacional para atuarem como monitores.

Para Néri,

o desemprego dos adultos mais velhos e dos idosos é mais devido à falta de oportunidades educacionais e de treinamento em serviço do que ao envelhecimento em si mesmo. (2002:13)

Pelas respostas, percebemos que na sociedade aposentar-se hoje é um grande problema para muitos idosos. Os rendimentos caem, pois o valor da aposentadoria é inferior ao da vida ativa.

Hemingway (apud Beauvoir;1990:325) escreveu que “a aposentadoria é a palavra mais repugnante da vida ... aposentar-se é abandonar nossas ocupações”.

Outra questão apresentada foi sobre como a sociedade percebe o aposentado que procura emprego. Apresentamos, a seguir, algumas das respostas:

“eu acho que ela é muito preconceituosa, porque ela acha que o idoso não vai mais.. trabalhará direito que o jovem ele tem muito mais chance de subir”. (B1)

“ele acha que o idoso não tem capacidade, não tem mais energia prá exercer uma função”. (B2)

“eles dizem que a gente tá tirando lugar trabalho de uma pessoa mais nova”. (B9)

Os trabalhadores idosos têm consciência das opiniões dos mais jovens sobre sua situação funcional. Néri (2000) refere que, por causa dos estereótipos, os trabalhadores mais velhos são vistos como obsoletos, improdutivos, resistentes à mudança e desmotivados.

Observamos que a falta de oportunidades para aquisição de habilidades necessárias à administração de novas tecnologias pode ter conseqüências adversas no desempenho, na motivação e na imagem social dos velhos. (Sugar (1996); apud Néri, 2002:19)

Indaguei, também, sobre as atividades desempenhadas no emprego.

B1, que é enfermeira, respondeu

“na minha profissão, hoje é mais a parte administrativa, porque eu trabalho... num hospital que, que esse hospital..não é assim....ele tem poucos funcionários, né? É uma empresa grande tudo mais é, então, a gente exerce mais a função administrativa; e quando surge, assim, vamos supor um caso mais complexo, a enfermeira vai ter que entrar em ação, tem que exerce.. e eu não deixo né, eu to sempre atenta. Embora tô na parte administrativa, mas surgiu um paciente grave quem vai tomá conta, sou eu. Eu que vou lá, acompanho lógico, a gente supervisiona, a gente ajuda a gente sabe..... tem que fazer de tudo, né?”

B3 respondeu, todo animado,

“eu ando pra todo lado aí, ando por todo canto, me chama para um lado e outro, vou para o depósito, vou para um lado para outro, faço faxina, faço tudo ai dentro.”

Outro entrevistado encolheu os ombros, esfregou as duas mãos, colocou os braços sob as pernas e disse:

“trabaio na lavoura, negócio de plantá coisinha, e quando não tem caqui, planto coisinha pra sustentá e pra inteirá, e prá comê.”
(B4)

Com orgulho, B7 disse:

“presto serviço tanto pra indústria como prá prédio, eu tô sujeito a ir consertar tanto uma instalação num apartamento, ligar um telefone, passar um cabo de tv a cabo, enfim reparos em geral de elétrica, né?”

Observamos que se manter ativo é um “passaporte” para uma velhice digna e para a longevidade; tudo indica que isso se aplica melhor nas zonas rurais, onde *“cada pessoa tem uma atividade definida, que precisa ser cumprida para a garantia da sobrevivência de todos”*. (Revista *Época*; 13/3/2006).

Na zona rural, apesar do trabalho ser pesado, é ele que mantém a boa saúde física e mental dos idosos.

Segundo Aranha (1995), para o idoso trabalhar é uma necessidade; é ter garantida uma fonte de renda que permite ajudar no orçamento domiciliar e consumir. Caso contrário, corre-se o risco de o idoso ser atirado para as margens da sociedade.

Outra indagação foi sobre o sentido do trabalho atual, frente às atividades desempenhas antes da aposentadoria. As respostas obtidas foram:

“eu me sinto bem, me sinto realizado eu gosto daquilo que eu faço e, e embora para o tempo tanto que eu exerço isso daí...me

deu assim uma...me deu uma.... experiência grande né, e mais segurança naquilo que eu faço”. (B1)

“prá mim é a mesma coisa, acordo cedo venho para o serviço, é a mesma coisa que era antigamente”. (B3)

“eu lidava com muitas pessoas né?” Com gerência e enfim, em geral então, eu tava cansado de lidar com gente, comandá, então quando eu parti pra fazê serviço, eu trabalhei muitos anos só, até sem ajudante, pra não comandá”. (B7)

“aumentou o meu conhecimento, tô mais experiente hoje; até brinco com o pessoal que eu falo que só conheço um eletricista aqui no ABC,... risos..., é eu!risos...” (B7)

“em relação ao tempo anterior dedicado ao trabalho a parte intelectual não, mas na parte física a diferença é brutal....risos.. o que fazia ...subir.....e descer escadas é demorado, a diferença é brutal, o corpo sente, a cabeça não!” (B8)

Pelas falas dos entrevistados, percebemos que o “saber” não quer dizer conhecimentos provenientes de uma aprendizagem formal, mas denota os conhecimentos adquiridos ao longo da vida.

Segundo Rudinger & Thomãe (apud Lopez; Cianciarulo, 1999:238), o sentido de bem-estar depende dos eventos percebidos como importantes do ponto de vista individual sobre o acontecer em sua vida, do valor que dá a seu passado e de como faz uso de suas possibilidades atuais. Compreendemos que a qualificação de vida e seu significado são influenciados pela própria bagagem pessoal, pela situação sociocultural, pelo meio e pela idade.

Nós, como profissionais da saúde, consideramos como requisitos importantes para a qualidade de vida na velhice, as relações interpessoais do idoso e sua autonomia e independência, pois estes constituem fortes

indicadores de saúde. Acreditamos que são condições que podem contribuir para que o idoso exercite e usufrua, de sua independência e autonomia, e possa desenvolver atividades que lhe proporcionam prazer e, por conseguinte, qualidade de vida.

Neste sentido, os profissionais de saúde podem e devem avaliar as condições de vida do idoso, e com ele buscar recursos para melhorar e/ou manter o seu bem estar.

Patrício (1996), cita que a qualidade de vida está ligada à maneira de ser, às características do fenômeno da vida num constante movimento de tecer a vida em comunhão com os outros seres humanos e os demais ambientes, naturais e os construídos pelo trabalho humano.

- **Sobre o vínculo empregatício em relação novo emprego**

“eu trabalho registrado, porque o aposentado com o tempo de serviço pelo qual eu sou, a lei não proíbe trabalhá registrado, então, eu trabalho registrado em carteira”. (B2)

“trabalho com carteira registrada, recolhe INSS a mesma coisa. Tenho férias tudo normal. A única coisa que não tenho direito é seguro- desemprego, e outra coisa se machucar qualquer coisa, não posso entrar no INSS, porque já recebo a previdência”. (B3)

“prestação de serviço, não é por produtividade, mas quando há um bom gerenciamento, existe uma ótima produtividade”. (B8)

“prestação de serviço, quando eu me aposentei a carteira foi dado baixa”. (B9)

Segundo o IBGE (2004), os benefícios da aposentadoria e pensão estão praticamente universalizados em relação à população idosa brasileira, mas os

valores calculados são muito baixos, o que leva o trabalhador idoso a permanecer no mercado de trabalho para garantir o sustento de sua família. Assim, as taxas de participação das mulheres idosas no mercado de trabalho não foram afetadas, enquanto uma ligeira queda foi observada entre homens que pode ser explicada por razões inerentes ao mercado de trabalho.

No Brasil, graças à fórmula de cálculo da aposentadoria, a taxa de reposição dependerá fundamentalmente da trajetória das remunerações reais do trabalhador, ao longo de sua vida. Assim, o valor inicial da aposentadoria pela Previdência Social é obtido a partir da média real das 80% maiores remunerações do trabalhador, multiplicado pelo fator previdenciário. (IBGE, 2004).

É interessante observar que nos países da Comunidade Européia (CE), a taxa de reposição tende a variar inversamente ao salário anterior. Isto explicaria parcialmente a maior incidência de aposentadorias precoces entre trabalhadores de baixa renda.

Nos países desenvolvidos, a decisão de o trabalhador permanecer no mercado de trabalho mesmo após ter atingido a idade para a aposentadoria, depende de três fatores básicos:

- I) a idade mínima legal para a aposentadoria e seu impacto sobre a manutenção ou extinção do vínculo empregatício;
- II) o nível absoluto do benefício e sua taxa de reposição do salário anterior; e
- III) o imposto implícito sobre o salário se continuar trabalhando, após a idade mínima para aposentadoria. (IBGE, 2004).

Para Berquó (1996), o isolamento social pós-aposentadoria, é motivado por uma visão negativa na velhice, com os papéis considerados importantes socialmente, modificação da estrutura familiar e inadaptação aos novos valores da sociedade. Assim, a aposentadoria oferece dupla situação, depende de como a pessoa vive o seu trajeto humano e profissional. Depende da visão do mundo, das experiências positivas ou negativas que tenha vivenciado e

vontade para superar os obstáculos que não apenas a aposentadoria, mas a própria vida, encarrega-se de apresentar.

A Constituição Federal de 1988, garante aos maiores de 65 anos a gratuidade de transportes coletivos urbanos. O pronto-atendimento nas agências bancárias corrobora na defesa da dignidade e do bem estar dos idosos e aposentados.

- **Relações de trabalho, experiência e da competição.**

As respostas abaixo foram obtidas quando os entrevistados foram estimulados a falarem sobre trabalho, experiência e competição, esta última, tão marcante na sociedade moderna.

“Bom! Risos [...] experiência a gente tem; a competição é jogo duro, né? A competição acho que em todo lugar tem, isto é, em qualquer profissão. Então, eu não sei, se fosse para mim competir agora lógico que eu iria. Eu tenho experiência, eu tenho conhecimento, eu gosto de me atualizar, eu gosto de coisas novas. Mas ... o desemprego tá grande e é lógico que eles vão querer uma mais jovem porque eles vão ter mais chances de investir naquele funcionário novo”. (B1)

“Ah, muito grande, a experiência é grande mesmo. A relação com trabalho é melhor hoje, tem mais visão.[....]. Olha, o jovem é muito devagar. Eles não brigam pelas coisas, não têm responsabilidade, nunca chega no horário de serviço, não é pontual com o serviço. Sempre a gente de aposentado tem aquela responsabilidade, tá sempre, tá vestindo assim,(bate na mesa com a mão fechada), num falta e num chega atrasado.[....]. Risos....,eles num querem nada com a vida, o novo num qué nada”. (B6)

“A experiência acho que é uma grande coisa, é uma bagagem intransferível, sabendo usá-la é uma coisa maravilhosa!” (B8)

“a experiência ajuda, né? No convívio com os companheiros graças a Deus! Sei lidar melhor, me dou muito bem. Mesmo devido à idade acho que não tem competição.” (B9)

Pelas falas, os entrevistados, são conscientes da importância da experiência, concebida como saber acumulado durante a vida. Expressaram, claramente, que as experiências, as vivências e os conhecimentos assumem um importante papel na velhice.

Lopes-Dias (1999) lembra que sua visão do mundo é marcada pelas próprias construções sobre o que é ser idoso, pela luta constante pela cidadania e sobrevivência pessoal e familiar, pelo valor da família, da honestidade e do trabalho, pela crença em Deus; são estes elementos que conferem significado à vida dos idosos, permitindo-lhes – ou não – classificá-la “boa” ou difícil.

- **Situação Conjugal, tipo de família, horas de trabalho e orçamento.**

Quando solicitados a se manifestarem sobre esses tópicos, obtivemos as seguintes respostas:

“moro em casa com meus filhos, sou separado da mulher há 13 anos.....”, e continua “ajudo eles, gosto de ajudar eles. Eu não gosto de emprestar dinheiro para os filhos, eu gosto de dar dinheiro para os filhos, porque eles não tem vício”. (B3)

“Trabalho por dia é oito horas, mas quando tem serviço trabalho nove horas. O dinheiro é para casa ajudar os filhos, eu do uma força pro meu filho comprar, não um carro de passeio, um carro de serviço”. (B3)

“moro com duas irmãs solteiras. Chego aqui as sete e meia da manhã e saio sabe lá Deus quando, à vezes saio a 9 ou 10 da noite, dá média de 14 horas por dia, inclusive nos fins de semana. (B8)

“Gasto com despesas pessoais, ajudo meu filho que ainda não subiu no pedestal, porque é jovem ainda. Gasto com sobrinhos, filhos gasto em geral. E viajo uma vez por ano para o exterior a lazer”. (B8)

“Moro com minha irmã, eu trabalho aqui, durmo aqui e só aos sábados eu vou para casa e retorno no domingo. O trabalho.....dá mais ou menos 14 hs. Gasto dinheiro em casa sempre tem alguma coisa prá arrumá, comprinha da casa, gasto da casa e o que a gente pode ponho numa poupancinha, né? risos..” (B9)

De tudo que ouvi dos entrevistados, não há como ignorar Messy (1993), quando afirma que o envelhecimento ocorre de forma natural e dinâmica e que a velhice não é sinônimo de doença ou incapacidade.

Assim, percebemos que nossos entrevistados trabalham de 8 a 10 horas diários ou mais, levam uma vida normal, sentem-se realizados no trabalho que lhes proporciona satisfação pessoal, podem consumir bens materiais e proporcionar ajuda à família.

Patrício (1995:52) lembra que *“a vida humana tem sido um movimento constante de busca, de satisfação e de inibição de sofrimentos”*. Vive-se administrando, cuidando ou tentando cuidar de nossa qualidade de vida e intervindo na vida dos outros. É a eterna busca do viver prazeres e felicidades. Acrescenta que essa busca, como processo humano, é mediada pelas interações, pelas energias, pelas expressões culturais (crenças, valores, conhecimentos, normas práticas) e pelos sentimentos.

Salgado (1996) afirma que a questão social dos velhos não pode ser colocada em segundo plano pois,

O velho não pode ser condenado a velhar. Ao contrário, precisa ser estimulado a viver segundo suas expectativas e potencialidades. Ainda que obedeça a seus limites particulares deve estar presente no mundo que o cerca. A existência plena não é propriedade dos jovens. É um direito de todos que estão vivos. (Salgado,1996:65)

Percebemos que a idade não traz somente efeitos negativos sobre a capacidade de trabalho. Os anos de trabalho permitem o acúmulo de uma experiência profissional que facilita, muitas vezes, a execução de tarefas.

Assim sendo, parece que o trabalho ideal para os idosos envolveria gestões mais participativas e não apenas realizar tarefas. Nessa forma de participação, o idoso seria validado tanto por suas possibilidades, como pelas suas limitações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões aqui desenvolvidas sobre o lugar e o significado do trabalho para o aposentado, ao lado da escuta das falas dos sujeitos desta investigação só aumentaram nossa certeza do quanto é fundamental uma discussão mais séria e substantiva do assunto; mais do que isso, da importância de a sociedade assumir, com todas as implicações econômicas, políticas, sociais e culturais, programas que atendam às demandas e necessidades dos idosos, quer em termos previdenciários, quer em termos de inserção pelo trabalho.

Se o trabalho é um diferencial humano, ele é, na mesma medida, algo inalienável do idoso. No entanto, bem sabemos que “emprego” e “trabalho” são coisas bem diferentes. Muitos idosos que permanecem no mercado de trabalho após a aposentadoria, o fazem não por opção, mas por necessidade; necessidade que extrapola, em muito, a esfera pessoal ou do casal. Cumpre não tapar os olhos para a dura realidade representada pelos milhões de idosos que garantem a vida de filhos e netos, mesmo com suas vergonhosas aposentadorias.

As relações de trabalho, seu significado, seu valor, sua qualidade precisam ser constantemente discutidas; e discutidas em meio à consideração de muitas variáveis, tanto para aqueles que pretendem “entrar” para o mundo do trabalho (jovens), como para os que são ejetados deste mundo cada vez mais precocemente (“idosos”). O trabalhador idoso não pode continuar em uma postura ou posição alienada, ser vítima de um sistema capitalista e materialista que expropria de forma brutal seu bem maior, “o trabalho”, impedindo seu crescimento como cidadão do mundo.

Qualquer tentativa de iniciar um processo de mudança é fundamental para conferir satisfação no trabalho e, conseqüentemente, ter uma qualidade de vida melhor.

A modernidade impõe que se trabalhe, trabalhe sempre, de forma desmedida, nos padrões do trabalho assalariado. Levantar-se cedo, mergulhar-se nas relações produtivas na tentativa de superar os baixos salários e as

condições desfavoráveis de sua execução. Não se tem tempo de perceber a passagem dos anos, a exaustão das forças físicas. Mas, em determinado momento, toma-se consciência de que já não podemos mais produzir tanto quanto antes, que se está cansado, fora dos padrões esperados e socialmente estabelecidos. É aí que nos deparamos com a falta de novos trabalhos e com a questão da aposentadoria.

Os trabalhadores intelectuais ou os melhores remunerados, certamente poucos, conseguem, por suas posições sociais, cuidar melhor de si, viajar, conhecer outra realidade, estudar, fazer outros cursos, ter acesso à cultura e ao lazer e empreendimentos que hospedam idosos que pagam altos aluguéis gozando de mordomias.

No entanto, à grande maioria das pessoas resta apenas a sobrevivência e as promessas do paraíso. Não conseguem, não podem, não têm tempo, nem motivação, estão com a criatividade “embotada” para se dedicarem a novas atividades e novos indicadores de qualidade de vida; de uma vida que lhes permita viver mais humanamente seus dias e aproveitar o que de bom a modernidade nos apresenta. Qualidade de vida faz parte de um processo de caminhada do ser humano, a cada momento, visando aproveitar este dom que a vida nos dá: prazer de viver de forma harmoniosa, cidadã e responsável.

Entretanto, enquanto temos saúde e capacidade de trabalho, enquanto nos servimos de força física, podemos suportar a rotina do dia-a-dia que faz esquecer as mazelas e frustrações: as moradias inadequadas, as longas caminhadas para o trabalho, trânsito caótico, o descaso para com a saúde, o transporte que deixa a desejar etc. E as coisas caminham.....

Pensamos sempre em deixar para fazer as coisas que gostamos para depois de nos aposentarmos. Mas a saúde é um processo, nós a construímos enquanto vivemos. Do nascer ao morrer. Esperar a qualidade de vida na velhice, apenas na velhice, serve apenas para repor uma ideologia que aniquila o homem de forma geral. Mesmo aqueles que não são assalariados – os chamados “autônomos” – têm impregnado em suas vidas a ideologia da realização, única e exclusivamente pelo trabalho. Como afirma Erikson,

“plasmam suas vidas nele e se tornam candidatos a serem escravos inconsiderados daqueles que estão na posição de escravizá-los”. (1998:83)

Nesta investigação identificamos que o trabalho proporciona prazer ao trabalhador idoso; isto pode ser explicado em razão da sensação de inutilidade que, culturalmente, é aplicada à velhice. O fato de poderem desenvolver seu trabalho com responsabilidade e de forma prazerosa, fá-los sentir úteis e valorizados.

Considerando o diálogo estabelecido com os autores que forneceram o contexto teórico-analítico apresentado ao longo da dissertação, especialmente nas partes iniciais, os dados obtidos junto a institutos de pesquisa e a outras fontes (a exemplo de jornais e revistas), ao lado da pesquisa de campo, acreditamos que este trabalho possa oferecer inúmeras contribuições sobre o lugar e o significado do trabalho na vida do idoso aposentado; lugar e significado passíveis de serem traduzidos por palavras como: renda, participação, pertencimento, inclusão, sociabilidade, atividade e atualização, entre outros. Enfim, para que, através do reconhecimento do idoso como capaz, possamos sonhar com um mundo no qual a rejeição da velhice e a expropriação do direito de trabalho do idoso aposentado seja “coisa do passado”!

Concluo essa dissertação com cedendo a palavra a Dulce Critelli:

O trabalho nos revela para os outros e para nós mesmos. Por meio dele construímos nossa identidade. A partir dele descobrimos habilidades, poderes, limites, competências, alegrias, tristezas ... Criamos vínculos com as pessoas, com os ambientes, com a cidade e a nação. [...] Nos comprometemos com causas e uns com os outros. [...] O trabalho é o lugar privilegiado onde descobrimos, inclusive, para que viemos e do que nos compete cuidar nesta vida. [...] Perder o trabalho é como perder a morada. É perder a razão que justifica nossa existência. É sair de cena, é ser exilado, é deixar de participar, com os

outros, do aprontamento do mundo, do aprontamento de heranças para os que virão. Perder o trabalho é como morrer". (Folha Equilíbrio; 02 de março de 2006 pg.2)

Bibliografia

- ALBORNOZ, S. (1992) *O que é o trabalho*. São Paulo: Brasiliense 5 ed.
- ARANHA, M. L. de A; MARTINS, M. H. P. (1995) *Filosofando: Introdução a Filosofia*. 2. ed., São Paulo: Moderna Ltda.
- ASCHER, N. (13/12/04). *Indicações da Internet*. Encarte Folheteen da Folha de São Paulo, p. 5.
- Banco de Dados Folha - Acervo on line < www1.folha.uol.com.br/folha/almanaque/brasil30.htm > acesso em 15/11/2004.
- BAUMAN, Z. (1989). *A Liberdade*. Lisboa; Editorial Estampa, Lda.
- BRASIL. (1988). Constituição Republica Federativa do Brasil, Brasília: Senado Federal: Centro Gráfico.
- BEAUVOIR, S. (1990). *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BERGER, P. L.; Luckmann, T.(2004) *A Construção Social da Realidade*. 24 ed Rio de Janeiro: Vozes Ltda Petrópolis.
- BERQUÓ, E. (1996). *Algumas considerações demográficas sobre o envelhecimento da população do Brasil*. Anais do Seminário Internacional de Envelhecimento populacional uma agenda para o fim do século. Brasília.
- BERQUÓ, E.; LEITE, V. (1998). *Algumas considerações sobre a demografia da população idosa no Brasil*. Ci: Cult. v. 40, n. 7, p. 679-687.
- BIBLIA Sagrada: (1962) In _ Gênesis cap.3 vers. 17 e 19. São Paulo: Editora Maltesi Ltda.

- BIRMAN, J. (1995). *Futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise*. In: Terceira Idade: Um envelhecimento digno para o cidadão que envelhece. Rio de Janeiro: Relume-Dumará UnATI/UERJ.
- BOSI, E. (1994). *Memória e Sociedade! Lembranças dos Velhos*. São Paulo : Companhia das Letras.
- BRUNO, M. R. P. (2000). *Autonomia e Cidadania: Caminhos e Possibilidades para o ser idoso*, Dissertação de Mestrado PUC-SP.
- BRAGA, P. M. V. *Envelhecimento, Ética e Cidadania* Disponível em: <www.direitodoidoso.com.br/01artigo006.html> acesso em 26/09/2004.
- CAMARANO, A. A. (2000) *O idoso brasileiro no mercado de trabalho*. Rio de Janeiro: IPEA. (Texto para discussão, 830).
- CAMARANO, A. A. (2002). *Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica* Texto para discussão número 858, IPEA Rio de Janeiro Disponível em: < www.ipea.gov.br/pub/td/2002/td_0858.pdf > Acesso em 30/09/2004.
- CAÑIZARES, P. N. (2003). *Grupos de movimento: Uma nova abordagem para pessoas idosas*. A terceira Idade (SESC), São Paulo. v.14, n.26, p. 8-25.
- CANGUILHEM, G. (1995) *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: 4 ed. Forense Universitária.
- CARLOS, S. A. et al. (1998). *Identidade, aposentadoria e terceira idade*. In: BARRILI, HS. et al. O saber construído sobre o processo de envelhecimento. Porto Alegre, R.G.S./ USINOS/ PUCRS. Relatório de pesquisa, p. 18-39.
- CASTEL, R. (1997). *As armadilhas da exclusão social*. In: Desigualdade e a Questão Social; Bógus, L. et al (orgs.); São Paulo; Educ

- CASTEL, R. (1997). *As transformações da questão social*. In: Desigualdade e a Questão Social; Bógus, L. et al (orgs.); São Paulo. Educ.
- CHANLAT, J. F. (1993) *Por uma antropologia da condição humana nas organizações*. In: CHANLAT, J. F. (org.) O indivíduo na organização: dimensões esquecidas.2. ed.São Paulo: Atlas, v.1
- CHIZZOTTI, A. (1991). *Pesquisas em ciências humanas e sociais*. São Paulo, Cortez
- CLEGG, S. (1993). *Poder, linguagem e ações nas organizações*. In: CHANLAT, J. F. (org.). O indivíduo na organização: dimensões esquecidas.2.ed. São Paulo: Atlas v.1
- CORDI, C. et al. (1997). *Para Filosofar*.3. ed. São Paulo: Scipione Ltda.
- CRITELLI, Dulce. (2/3/2006). *O trabalho e o sentido da vida*. Folha Equilíbrio p. 2. Folha de São Paulo.
- CUNHA, A. (2002) Computador informativo n. 15, PUC-São Paulo
- DA SILVA, J. C., (2003) *Velhos ou Idosos?* In: Revista A Terceira Idade vol.14 n.26 SESC-SP
- DEBERT, G. G.(1994) *Pressupostos da Reflexão Antropológica sobre a Velhice*. Textos Didáticos, IFCH/UNICAMP, 1(13): 7-30, março.
- DEBERT, G. G. (1999). *A reinvenção da velhice*. São Paulo: Universidade de São Paulo: Fapesp.
- DEJOURS. C. (1993) *Uma nova visão no sofrimento humano nas organizações*. In: CHANLAT, J. F (org.) O indivíduo na organização: dimensões esquecidas.2 ed. São Paulo: Atlas v.1
- DEJOURS (1997) *O fator humano*. Rio de Janeiro; Fundação Getúlio Vargas, p. 43.

- _____. *A carga psíquica do trabalho*. In: DEJOURS, C. ; ABDOUCHELI, E. (1994) *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas
- DOS SANTOS, Néri e FIALHO, Francisco A. P. (1997). *Manual de análise ergonômica no trabalho*. 2 ed. Curitiba Gênese
- DUQUE, R. *Primórdios da Previdência Brasileira*. Disponível em: <<http://cave.cave.br/fio/previdencia/Previdencia.htm>> acesso em 21/11/2004.
- ERIKSON, E. (1998). *O ciclo de vida completo*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Estatuto do Idoso. Lei 10.741 Brasil, Brasília. D.O. 1 de jan. de 2004
- FERRAZ, A. F.; PEIXOTO, M. R. B. (1997). *Qualidade de vida na velhice: Estudo em uma instituição pública de recreação para idosos*. Ver. Esc. Enf. USP- SP. v. 31 , n. 2, p. 316-338.
- [F.ERGON], *Fundamentos da Ergonomia*. Disponível em: <http://www.eps.ufsc.br/ergon/disciplinas/EP5225/aula_1.htm> Acesso em: 2/9/05
- FERNANDEZ, José C., MENEZES, Wilson F. *O idoso no mercado de trabalho: Uma análise a partir da região metropolitana de Salvador* Disponível em: <http://www.sei.ba.gov.br/ped/ped_estudos_especiais/idoso_mercado_t_rabalho.pdf> Acesso em 09/09/2004.
- FERREIRA, Aurélio B. de Holanda.,(1999). *Novo Aurélio Dicionário da Língua Portuguesa*, 3 ed. Rio de Janeiro Nova Fronteira.
- FERRIGNO, Jose Carlos (2002). *O estigma da velhice: uma análise do preconceito aos velhos à luz das idéias de Eronig Goffman*. Rev. A Terceira Idade. São Paulo v.13, n.24, p. 48-56.

Folha Online Sinapse (25/5/04). *Terceira Idade, virgula: segunda chance* . Disponível em: < www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u347.shtml > Acesso em 26/9/04.

FURTADO, A. (2005). *A participação do idoso no mercado de trabalho brasileiro*. Consultoria Legislativa da Área V: Câmara dos Deputados, Praça 3 Poderes Anexo III – Térreo Brasília - DF.

Globo Repórter (1/7/2004). *De volta ao trabalho*. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com>. Globo repórter/ 0,19125.VGCO-2703-3541-2-55308,00 ht... acesso em 7/10/04.

GOFFMAN, Erving. (1982). *Estigma, notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, Zahar

GRAÇA, Luis. *História da Medicina do Trabalho* Disponível em: < [http://www.terravista.pt/meco/5531/textos31.html](http://www.terraviva.pt/meco/5531/textos31.html) > acesso em 2/11/2004.

GRAEFF, L. (2002). *Representações sociais na aposentadoria*. Texto sobre Envelhecimento, Rio de Janeiro v.4 n. 7. Disponível em: http://www.unati.uerj.br/tse/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S517-592820020001...acesso em 16/2/06.

GRUNEVALD, V. (1977). *Considerações sobre ergonomia e terceira idade*. Dissertação de Mestrado, UFSC. Florianópolis.

IBANEZ, T. (1994). *Representaciones sociales teoria y metodo*. In- Psicologia social constitucionista. México: Universidade de Guadalajara, p. 153-216.

IBGE (2005) *Síntese de Indicadores Sociais 2004*. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Estudos e Pesquisas. Informação demográfica e sócio-econômica n.15. Rio de Janeiro.

IBGE (2002) *Perfil dos Idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil 2000* Rio de Janeiro . Disponível em: <[www1. ibge.gov.br/home/estatistica/população/perfilidoso/default. shtm](http://www1.ibge.gov.br/home/estatistica/população/perfilidoso/default.shtm)> Acesso em 26/9/04.

IBGE Brasil (2004). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Síntese de Indicadores 2003*

IBGE Brasil (2004). *Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios 2003 v. 24*

IBGE Censo Demográfico de 2000 Internet www.ibge.gov.

IBGE (2002). *Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil – 2000*; IBGE, Rio de Janeiro, Estudos e Pesquisas, informação demográfica e socioeconômica, n.9.

Idade Ativa – Revista Eletrônica da terceira Idade Disponível em: <http://www.techway.com.br/techway/revista_idoso/economia/economia_belisario.htm> Acesso em 09/09/2004.

Jornal da Ateesp Nº 39 Encarte Aposentadoria Especial Disponível em: <www.ateesp.com.br/jor39e.htm> acesso em 21/11/2004.

Jornal Estado de São Paulo. notícias (7/10/04) Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/agestado/noticias/2004/out/07/126.htm>> acesso em 12/5/05

Jornal Folha de São Paulo. (4/1/06). *Mais aposentados recebem piso do INSS. Reajuste do salário mínimo é maior que os benefícios do mínimo*. Folha-B4

Jornal Hoje (4/5/02). *Um Brasil mais Velho*. Disponível em: <<http://jornalhoje.globo.com/JHoje/0,19125,VJSO-3076-20020504-28751,00.html>> acesso em 07/10/2004.

Jornal Hoje (18/11/02). *Segredo da vitalidade*. Disponível em: <<http://jornalhoje.globo.com/JHoje/0,19125,VJSO-3076-20021118-30859,00html>> acesso em 7/10/2004.

Jornal da Globo (20/9/02). *Aposta na experiência*. Disponível em: <http://jg.globo.com/JGlobo/0,19125,VTJO-2742-2004-0101-19811,00.html> acesso em 17/10/2004.

Jornal da Globo (1/1/04). *Novos direitos*. Disponível em <<http://jg.globo.com/JGlobo/0,19125,VTJO-2742-20040101-19811,00.html>> acesso em 7/10/04.

Jornal Nacional (10/3/04) *“Idosos com vida ativa sofrem menos problemas mentais”* Disponível em: <<http://jornalismo.globo.com/Jornalismo/JN/0,AA782100-3353,00.html>> acesso em 07/10/2004.

Lei Elói Chaves- in: Peixoto, C. (1998). *Entre Estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade*. Estudos Antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas

LEMOS, Viviam Cristina Herrero (2003). *Com Trabalho e Sem Salário: Valorização para o idoso e ganhos para a sociedade*. Tese de Mestrado PUC-SP

LINDOSO, Mônica B. de A. *A discriminação do idoso no acesso e manutenção do emprego* Disponível <http://www.pgj.ma.br/pid/revista_virtual/mônica_IV.asp> Acesso em 09/09/2004.

LÓPEZ-DIAS, A. L. (1999) *Comparando e interpretando a longa caminhada maneira dos idosos qualificar a vida*. Dissertação (Mestrado), São Paulo. Escola de Enfermagem. Universidade de São Paulo.

LOPEZ, A. L.; Cianciarulo (1999). *Compreendendo o significado de qualidade de vida na velhice*. Texto e Contexto. Florianópolis, v. 8 n.3, p. 233-249, Set. Dez.

- MARTINS, J. (1998). Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento, In Revista Kairós. Gerontologia ano 1 n.1. PUC-SP: EDUC.
- MENDES, René; DIAS, Elizabeth Costa. *O que é medicina do trabalho*. Disponível em: < www.amint.org.br/novo/medicina_do_trabalho.html > acesso em 2/11/2004
- MERCADANTE, E. F. (1997). *A Construção da Identidade e da Subjetividade do Idoso*. Tese de doutorado, PUC/SP, Mineo.
- MESSY, Jack (1993). *A Pessoa Idosa Não Existe*. São Paulo. Aleph
- MINAYO, Maria C. de S. (2002). *Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo/Rio de Janeiro. Hucitec-Abrasco.
- Ministério de Planejamento, Orçamento e Gestão IBGE Estudos e Pesquisa Informação Demográfica e Socioeconômica, n. 9.
- MINOIS, G. (1999). *A História da Velhice no Ocidente: da antiguidade ao renascimento*. Lisboa: Teorema.
- MOREIRA, M. M. (1997). *Envelhecimento da população Brasileira*. Belo Horizonte: EDEPELAR-UFMG, (Tese de Doutorado).
- MORI, M. M. (2005). Memorial PUC-SP
- MOSCOVICI, S. (1978). *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- MOSVOVICI, S. (1994) *Renascença organizacional*. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio.
- NÉRI, Anita. L. (1993). *Qualidade de vida madura*. Campinas. SP: Papyrus.
- NÉRI, Anita Liberalesso (2002). *Envelhecer bem no Trabalho: possibilidades individuais, organizacionais e sociais*. In: Revista Terceira Idade. SESC São Paulo, v.13 n. 24.

- NOVELLI, Ana Lúcia. *Terceira Idade: Desafio da Inclusão Social*. Disponível em: < http://www.sinprorp.org.br/premio_2003_10.htm > Acesso em 13/02/2005.
- PATRICIO, Z. M. (1995). A dimensão felicidade- prazer no processo de viver saudável individual e coletivo: uma questão de bioética numa abordagem holístico- ecológica. Florianópolis, UFSC. Tese (doutorado).
- PATRÍCIO, Z. M. (1996). Ser saudável na felicidade-prazer: uma abordagem ética e estética pelo cuidado Holístico-Ecológico. Série 2 – Teses em Enfermagem. Pelotas Universitária/UF pel.: Florianópolis: UFSC/PPc em Enfermagem.
- PEIXOTO, Clarice.(1998) *Entre o Estigma e a Compaixão e os termos Classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade*. In: *Velhice ou Terceira Idade?*; Lins de Barros, M. M. (org.) Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getulio Vargas
- PEREIRA, Delci E. C. (2002). *Qualidade de vida na terceira idade e sua relação com o trabalho*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina - Florianópolis.
- POLÍTICA NACIONAL DO IDOSO (1998) – Lei 8.842 de 4 de janeiro de 1994. Secretaria Nacional dos Direitos Humanos. Brasília
- REBOUÇAS, A. J. de A. et al. (1989) *Insalubridade: Morte lenta no trabalho*. São Paulo: Oboré Editorial.
- Revista Época (13.03.06). *Como passar dos 100 anos- LONGEVIDADE*
- RODRIGUES, N.C. (2000). *Aspectos sociais da aposentadoria*. In: SCHONS, C.R./ PALMA, L.S. (org.) *Conversando com Nara Costa Rodrigues: sobre Gerontologia Social*. Passo Fundo, RGS. p. 21-25.
- SALGADO, M. A. (1996). *Políticas Sociais na Perspectiva da Sociedade Civil: Mecanismo de controle social, monitoramento e execução, parcerias e*

financiamento. In: Anais do I Seminário Internacional “Envelhecimento Populacional: uma agenda para o final do século”. Brasília: MPA, SAC

SANTOS, S. M. A. (1999). *Algumas reflexões sobre ensino de enfermagem geronto-geriátrica na UFSC*. Florianópolis: Texto Contexto Enferm. v. 8, n. 1, p. 174-185, jan/abr.

SEADE (Fundação do Sistema Estadual de Análise de Dados) Disponível em : <http://www.seade.gov.br/> acesso em 20/4/2006.

SEVERINO, Antônio J.(2000). *Metodologia do trabalho científico*. 21 ed. São Paulo; Cortez.

SILVA, E. S. (1992). *Saúde mental e trabalho*. In: TUNDIS, S. A. e COSTA, N. R. (org.) *Cidadania e loucura: políticas de saúde mental no Brasil*. 3 ed. Petrópolis: Vozes.

Ubbi homepages. ****COMO TUDO COMEÇOU****. @Banner, Origem, Nascimento e Oficialização da Segurança e Higiene no Trabalho Disponível em: <www.sst.ubbi.com.br/index.html> acesso em 15/02/2005.

VALSECCHI DE ALMEIDA, V. L. (2000). *Existência, acessibilidade e limites de competência*. Revista Kairós n. 3 ano 3 PUC-SP.

VALSECCHI DE ALMEIDA, V. L. (2006). *Desafios do Envelhecimento: Cenário Mundial e Realidade Brasileira*. Aula dia 23/3/06 realizada na PUC-SP

VARGAS, Heber Soares (1983). *Psicologia do Envelhecimento*. São Paulo; Fundo Editorial Byk-Prociencx., p. 25, 112, 125.

VARELLA, AMRS (2003). *Resiliência e desenvolvimento pessoal: mais uma possibilidade de se envelhecer?* Dissertação de Mestrado em Gerontologia PUC-SP.

VERAS, R. P., et al. (1987). *Crescimento da população idosa no Brasil: transformações e conseqüências na sociedade*. Re. Saúde Publ., São Paulo, v. 21, p. 225-233.

VERAS, R. P; ALVES, M. L. C. (1995). *A população idosa no Brasil: considerações acerca do uso de indicadores de saúde*. IN: MINAYO, M. C. de S. (org.). *Os muitos brasis: saúde e população na década de 80*. São Paulo; Hucitec, p. 320-327.

VERAS, Renato (2001). *Modelos contemporâneos no cuidado à saúde*.
Revista USP São Paulo n.51, Setembro/Novembro

ANEXOS

Anexo 1: Roteiro de Entrevista

1-PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Iniciais do entrevistado (a) _____

Idade: _____ Sexo: _____ Escolaridade: _____

Renda: _____ Religião: _____

Tempo de aposentadoria: _____ Etnia: _____

Função que exercia antes da aposentadoria: _____

2- O que levou você a procurar um novo trabalho após a aposentadoria?

3- Comente a respeito dos desafios enfrentados para conseguir novo campo de trabalho.

4- Como a sociedade percebe a respeito do idoso aposentado na busca de trabalho?

5- Quais os tipos de atividades desempenhadas durante a jornada de trabalho?

6- Como se sente atuando na esfera do trabalho, levando em consideração o tempo anterior dedicado a essa atividade?

7- Fale a respeito do seu vínculo empregatício em relação ao novo emprego.

8- Descreva a respeito das relações de trabalho no contexto da experiência e da competição.

9- Com quem mora (esposa, filhos), horas que trabalha por dia, como o dinheiro é gasto (despesas pessoais, gastos com filhos)?

Anexo 2**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, _____, portador (a) do R.G. n. _____, declaro, para os devidos fins de direito, que concordo com que os dados que resultem da minha participação na pesquisa realizada por Marcos Massanobu Mori, na entrevista concedida, sejam utilizados para divulgação de trabalho científico (Dissertação de Mestrado) desde que meu nome seja mantido em absoluto sigilo.

Sem mais, firmo o presente

Atenciosamente,

São Paulo, ____ de _____ de 2006.

Anexo 3

Entrevistas

Entrevista 1 (B1)

IF, feminino, tenho 60 anos e aposentada há 12, durante 38 anos trabalhei registrada na função de enfermeira. Sou católica e minha formação escolar é superior.

Quando me aposentei a lei me dava o direito de continuar trabalhando se eu quisesse. Como me considerava pouco idosa, eu achei que podia continuar e continuei trabalhando. Até hoje não foi preciso procurar outro serviço.

Como eu continuei na mesma função e na mesma empresa, não tive problemas em encontrar novo campo de trabalho, mas acredito que se torna difícil conseguir novo emprego porque eles vão querer uma pessoa mais jovem para trabalhar.

Além dessa dificuldade devido à idade, a sociedade é muito preconceituosa, ela acha que o idoso não consegue mais trabalhar direito, que o jovem tem muito mais chance de subir. Na minha visão, o idoso ainda tem muito a dar para a empresa porque tem mais experiência e mais segurança.

Na minha profissão, hoje realizo mais a parte administrativa porque eu trabalho em um hospital que tem poucos funcionários. É uma empresa grande e tudo mais então a gente exerce mais a função administrativa; e quando surge um caso mais complexo, a enfermeira vai ter que entrar em ação, e eu estou sempre atenta. Embora esteja na parte administrativa, sempre que surge um paciente grave sou eu quem vai tomar conta, amparo o paciente e também supervisiono.

Eu me sinto muito realizada no meu trabalho, gosto daquilo que faço e mesmo já há muito tempo no emprego, adquiri grande experiência e mais segurança no que faço.

A competição existe em todos os lugares, e aqui no hospital não é diferente. Se fosse para procurar um novo emprego agora é claro que eu iria, tenho experiência, conhecimento, gosto de me atualizar, gosto de coisas novas. Mas o desemprego está grande e é lógico que eles vão querer uma pessoa mais jovem porque eles vão ter mais chances de investir naquele funcionário novo.

Aqui eu trabalho 6 horas por dia e faço 33 horas semanais. O dinheiro que ganho é usado com impostos, casa, comida, e até pouco tempo pagava a faculdade da minha sobrinha.

Em casa moram no geral umas 5, 6 pessoas. Moramos entre irmãos, tem também meus sobrinhos e todo mundo que vem aqui.

Entrevista 2 (B2)

C. L. L, masculino. Estou com 61 anos, mas desde 1989 estou aposentado. Trabalhei por 11 anos como preparador de máquinas na Mercedes, e antes trabalhava numa metalúrgica de parafusos em São Bernardo.

Apesar de já ter me aposentado em três firmas, decidi procurar um novo trabalho porque o salário do aposentado é um salário muito pouco, se o aposentado tem uma família grande, ele não tem condições de manter só com a aposentadoria.

Se eu sair pra arrumar outro emprego, geralmente vai ser muito difícil. Todos sabem que o idoso, quando passa de cinquenta anos já fica difícil de arrumar um emprego, a não ser que seja uma pessoa muito conhecida, ou por apresentação como, por exemplo, um amigo que apresente.

Fica complicado arrumar emprego porque geralmente a sociedade ela acha que o idoso não tem mais capacidade, não tem mais energia para exercer uma função. Ele é uma pessoa que os outros acham que tem que descansar mais, tem que dormir mais cedo, tem que se alimentar com um certo tipo de alimentação que nem o jovem pode se alimentar.

Aqui no meu trabalho eu faço um bocado de funções, aqui eu trabalho de manobrista, trabalho de recepcionista e trabalho também no caixa.

Eu não me sinto cansado, ao contrário, eu me sinto muito bem. Eu sou uma pessoa que graças a Deus tenho muita saúde, deus me deu muita saúde. Eu trabalho, não sou uma pessoa de ficar andando tomando remédios, e eu gosto da atividade que faço porque eu sou uma pessoa que não consigo ficar dentro de casa, então eu tenho que estar me movimentando em alguma coisa, e meu trabalho é bastante movimentado. Não gosto de ficar parado.

Eu trabalho registrado, porque o aposentado com o tempo de serviço pelo qual eu sou, a lei não proíbe trabalhar registrado, então eu trabalho registrado em carteira.

Existe muita crítica sobre os idosos que ainda trabalham, não entre amigos, mas as pessoas acham que o aposentado está tirando o salário de um pai de família, que não tem ganho nenhum, que você já está velho, já podia estar descansando. Esses tipos de perguntas que as pessoas fazem, mas ninguém pergunta qual a sua responsabilidade, então muitos que me criticam por ser aposentado e estar tirando um salário de outra pessoa, mas ninguém pergunta quantas pessoas dependem de você, qual é sua despesa, ninguém faz esse tipo de pergunta. O pessoal acha que você ocupa um lugar que não deveria estar ocupando. Mas ninguém pergunta a sua responsabilidade.

Com isso a competição se torna muito grande, apesar da experiência.

A minha responsabilidade é grande. Na minha casa são sete pessoas, e as sete dependem de mim. Eu tenho uma sogra que mora comigo, que é sob minha responsabilidade, eu tenho um cunhado que mora comigo, que é sob minha responsabilidade, eu tenho uma pessoa que toma conta da minha sogra, porque minha esposa não pode tomar conta porque é uma pessoa já muito enferma, e tem eu e meu filho, que é sob minha responsabilidade. Eu moro com esposa e filho. Eu trabalho oito horas por dia e o dinheiro é gasto com comida, vestuário, remédio, tudo.

Entrevista 3 (B3)

E L N, masculino, tenho 65 anos e há 9 estou aposentado. Sou católico e etnia parda. Atualmente estou trabalhando como servente de pedreiro, mas antes era polidor de granito.

Eu decidi procurar emprego depois de aposentar porque a gente tem que ter uma renda melhor, ganhar mais um pouco, ajudar mais em casa, porque com a aposentadoria só ganho R\$540,00. E outra que não gosto de ficar parado. Não gosto de ficar encostado porque me aposentei e vou ficar encostado. Aqui não tem esse direito, você tem que trabalhar para manter um pouco. A gente descansa um pouco, porque a pessoa que se aposenta e fica encostado adoece, para mim a pessoa fica deprimida, fica pensando em muitas coisas, então a gente faz qualquer coisa para não ficar em casa. Saio 4 e meia da manha e não tenho horário para chegar em casa, eu chego aqui e trabalho 8 a 9 horas, qualquer coisa que tiver eu faço.

Eu entrei aqui mais por causa do meu cunhado. Eu estava em casa trabalhando, fazendo uns quebra galho por lado de Mogi das Cruzes. Quando eu cheguei em casa, ele me telefonou e perguntou se estava parado. Disse que sim, então ele me sugeriu entrar para a agencia onde ele trabalhava.

Aceitei o emprego e fiquei por 3 meses. Quando faltava apenas alguns dias para terminar, me chamaram no escritório para conversar com o cara administrativo.

Ele me perguntou quantos anos tinha e se era aposentado. Disse que era aposentado e tinha 60 anos, mas completei que fazia todo tipo de trabalho. Ele me pediu para retornar com os documentos e tal, e agora estou aqui há 5 anos.

O idoso enfrenta muitos desafios, tem aposentado que trabalha sem registro, quebra o galho, e tal para sobreviver melhor, porque esse salário que nos ganhamos de aposentadoria é pouco. Eu estou há 6 anos com aposentadoria de 540 reais, é muito pouco. A gente trabalha trinta e pouco anos para aposentar com essa merreca, e sempre vem pegando 10% e isso vai acumulando.

Quando o aposentado vai procurar emprego também é difícil. Às vezes a pessoa tem sorte de arrumar em emprego registrado e tudo. Hoje as únicas opções são bicos, como entregar folhetos na rua.

Alem disso, tem discriminação por parte dos jovens. Eles querem desfazer do mais idoso, que quer fazer isso, aquilo. Na minha área não tem discriminação, todos tem consideração comigo.

Aqui eu me movimento bastante, ando de pro todo lado, por todo canto. Se me chamam para um lado e para outro vou. Faço faxina, varro chão, faço tudo da parte de servente, de ajudante, menos da parte profissional.

Para mim o trabalho hoje é como antigamente. Acordo cedo e venho para o serviço. Trabalhei numa firma 15 anos, entrava sábado 6 horas da tarde e saia numa segunda feira, para manter minhas crianças, porque tinha 6 filhos pequenos. Mesmo hoje não sinto cansada, não sinto nada, tenho prazer em andar, posso pegar metro no Vergueiro mas vou até o Brás a pé. Sinto a mesma coisa que quando tinha dezoito anos, não tenho cansada.

No meu emprego trabalho com carteira registrada, recolhe INSS e tenho férias.

A única coisa que não tenho é seguro-desemprego e outra coisa se machucar qualquer coisa, não posso entrar no INSS porque já recebo a previdência.

O meu empenho e minha experiência ajudam na trabalho. Nunca bebi, nunca vivi de farra, meu negocio era só serviço. Cheguei em São Paulo em 70, e só havia trabalhado uma vez na Bahia registrado. De 70 pra cá eu nunca fui pessoa de ficar parado e de viver nas costas de ninguém.

Acho que não existe muita competição no trabalho, pelo menos para mim não existe.

Eu trabalho oito horas por dia, mas quando tem serviço trabalho nove horas. O dinheiro que ganho é para a casa, para ajudar meus filhos, ajudar meu filho a comprar um carro de serviço. Boa vontade minha e boa vontade dele de trabalhar. Aqui em casa moro com meus dois filhos casados, eu não gosto de emprestar dinheiro para os filhos, gosto de dar dinheiro para eles, porque eles não tem vicio, não fumam, não bebem.

Entrevista 4 (B4)

Obs.: No começo da entrevista perguntou se não tinha problema conceder entrevista e ser gravado, pois os homens(do governo) poderiam ficar sabendo e retirar a aposentadoria. Disse que não havia problema, que era um trabalho de escola, o nome só vai com as iniciais e é sigiloso, ninguém ficaria sabendo o nome, nem o pessoal da escola e nem quem paga a aposentadoria.

J P C, masculino, tenho 70 anos. Já faz 10 anos que estou aposentado por idade, desde 1995. Não frequentei a escola, sempre tive que trabalhar na lavoura.

A aposentadoria é pouca, mas tem. Recebo apenas R\$300,00, por isso ainda preciso trabalhar para complementar a renda.

Eu não posso trabalhar fora, mas acho que eles não querem gente de muita idade pra trabalhar porque alguns podem ficar desconfiados que não conseguem trabalhar e não é esperto como novo.

Mas eu não sei o que as pessoas acham do idoso que procura trabalho, porque só trabalhei em casa, nunca trabalhei fora, trabalhei pro conta na casa, e agora trabalho como produtor, como lavrador autônomo, não é empregado, por isso não sei responder.

Aqui eu trabalho na lavoura, negocio de plantar coisinhas, e quando não tem caqui planto coisinha para sustentar e para comer.

O ruim é que hoje trabalho e já fico cansado, fico desanimado, já não consigo trabalhar direito mais não. Antigamente era diferente, quando era novo trabalhava bastante. Vontade dá porque eu trabalho um pouquinho ainda, e um pouquinho que faz ajuda um pouco.

A experiência não tenho muito, mas essa pouca experiência que tenho ajuda um pouco a trabalhar, ajuda porque a gente sabe que vai dar aquilo. A gente sabe que época é boa, e quando colhe, a gente conhece. O tempo que vai dar a gente mais ou menos sabe.

Não sei como é a competição porque trabalho na casa por conta, não regula. Pessoas que ganham de empregado, que trabalha fora sabe.

Aqui eu trabalho mais ou menos umas 3..4...5 horas por dia. Eu descanso no meio do dia e tem dia que trabalho quase o dia inteiro, e outro picadinho. Em casa moram eu, meus irmãos e irmãs.O dinheiro é tudo gasto com comida, casa e outras coisas.

Entrevista 5 (B5)

J G M, masculino, antes da aposentadoria era dono de restaurante, mas há 12 anos estou aposentado, e hoje, com 70 anos, tenho uma lavanderia. Tenho o primeiro grau completo e sou católico.

Optei por um novo emprego após aposentar por causa do dinheiro mas também porque não conseguia ficar em casa sem fazer nada, tinha que trabalhar.

Do jeito que as coisas estão, é muito difícil o idoso conseguir emprego. Se para o jovem já está ruim, para o aposentado está pior.

A maioria das pessoas são preconceituosas, elas querem ver, falam que velho aposentado trabalha, que fica fazendo e tal.

Hoje tenho uma lavanderia, e para trabalhar acordo quatro e meia da manha, faço barba, tomo banho, faço café. Tenho um cachorrinho, vou dar uma volta com ele e depois saio para o trabalho, daí chego no trabalho 7 horas. Durante o dia atendo freguês, embalo, marco roupas o que precisar. Faço de tudo, só não lavo roupa, lavar roupa é na maquina.

Eu me sinto bem no trabalho, gosto de trabalhar, não posso ficar em casa. Depois de 2,3,4 ou 5 dias começo a pensar muito. Aqui eu trabalho como autônomo, tenho minha própria lavanderia.

Apesar de existir muita competição, a experiência sempre ajuda, em todos os sentidos.

Trabalho mais ou menos das 7 horas da manha até as 7 da noite, e o dinheiro que ganho é gasto no geral com casa, comida e etc. Moro com minha companheira, não sou casado e também não tenho filhos.

Entrevista 6 (B6)

J M O, masculino, tenho 78 anos e trabalho atualmente como motorista. Desde 1977 estou aposentado, mas antes disso trabalhava na mesma função que agora.

Eu me aposentei em uma firma e entrei em outra, continuei no mesmo trabalho. Eu fui procurar trabalho em outra firma porque quando fiquei um ano sem trabalhar fiquei doente e não me senti bem. Eu fui ao médico e ele me disse para arrumar outro emprego, se eu não melhorasse em uma semana, eu deveria voltar. Mas eu melhorei, e continuei trabalhando até hoje. O ganho nunca foi bom para aposentadoria, foi sempre uma migalha. Mas eu voltei a trabalhar pro causa do pouco salário e que eu não me senti bem, senti falta do serviço.

O difícil hoje em dia é porque não tem trabalho, muito menos para quem tem mais idade. Se o aposentado trabalha, pega o trabalho do outro, do pessoal jovem. Apesar que eles não estão com vontade de trabalhar.

A sociedade já acha que o idoso tem que descansar, que já esta na idade cansado. Mas existem algumas pessoas que acham que ele tem que trabalhar. Cada um acha uma coisa, o povo em geral fala muito, se você vai atrás deles está ferrado.

Aqui eu só dirijo, e me sinto muito bem trabalhando. Antigamente o carro era pior, direção dura, etc. Hoje está tudo moderno, tem direção hidráulica, ele consegue frear e não bate.

A vantagem de dirigir atualmente é que está tudo mais moderno, mas não sinto diferença em dirigir quando era jovem e agora.

Trabalho com carteira registrada, o mesmo direito que os outros tem eu também tenho.

A experiência tenho bastante, e a competição com o jovem não acho que exista muito. Eles não brigam pelas coisas, nunca chegam no horário de serviço, não são pontuais. O aposentado em geral sempre tem aquela responsabilidade, não falta e não chega atrasado. O jovem não quer nada com a vida.

Trabalho oito horas e meia todo dia. Gasto o dinheiro na comida, casa, e as vezes a gente guarda um pouco pro fim da idade, e porque tenho uma responsabilidade porque tenho ela só. Porque se eu morrer, ela não vai precisar pedir nada para ninguém.

Entrevista 7 (B7)

FA B, masculino, tenho 74 anos, e há 23 estou aposentado. Antes era mestre de manutenção elétrica, depois de aposentar decidi continuar no mesmo trabalho. Na época em que me aposentei, a aposentadoria era de 7 salários e meio, hoje caiu bastante. Isso é um roubo, o governo está me roubando, toda vez que colocamos pessoas no governo para nos representar eles apenas representam a si mesmos.

Resolvi continuar trabalhando principalmente porque eu gostava da profissão e gostava do que faço. Quando eu me aposentei tinha um bom salário, atualmente é diferente, sem trabalho não dá, eu preciso trabalhar para ganhar dinheiro.

A pessoa que não é qualificada não consegue emprego. Desde que eu me aposentei, eu não paro um dia sequer, sou um profissional qualificado na praça, por isso não me falta trabalho. A qualificação é muito importante.

A idade para mim não atrapalha no serviço. Quando eu fiz uma cirurgia no coração há um ano e meio, fiquei 3 meses parado, assistindo televisão, e não agüentei. Eu sou uma pessoa que gosta de trabalhar, que gosta de fazer bem feito.

Existem pessoas que admiram eu na minha idade trabalhando, mas as outras que não conseguem é porque não tem qualificação.

Nunca me discriminaram por estar trabalhando. Mas tem gente que fala que não preciso disso, já tenho filhos grandes. Eu respondo que meu conhecimento técnico é grande, e eu tenho que passar para meus filhos, passando isso para eles eu vou estar visando qualidade de vida melhor para eles.

Presto serviço tanto para indústria quanto para prédio, eu estou sujeito a ir consertar tanto uma instalação num apartamento, ligar um telefone, passar um cabo de Tv a cabo, enfim, reparos de elétrica.

Trabalhando hoje eu me sinto bem, porque quando eu aposentei tinha 50 anos. Eu tinha uma equipe grande e era responsável por meia fabrica, tanto parte de telefonia, de escritório, de fabricação. Eu lidava com muitas pessoas, com gerencias geral, então eu estava cansado de lidar com todas essas pessoas, de comandar. Por isso resolvi trabalhar sozinho, para não arrumar confusão, não precisar comandar. Hoje trabalho como eletricista autônomo.

Desde os 14 anos já era eletricista, passei por alguns empregos que me deram bastante experiência, então o meu conhecimento hoje é maior.

Depois que o desemprego surgiu, começou a entrar muita gente na praça, e a qualificação deles é muito ruim, são pessoas de conhecimento técnico muito baixo.

O problema é que o pessoal só se preocupa no custo, porque meu custo como profissional é um, agora o cara que trabalha por menos da metade do preço, a competição é desonesta.

Desde os 14 anos trabalho para ajudar minha mãe, sempre procurei ser o melhor, estar na frente dos outros. E hoje aqui na praça se você perguntar pelo seu Brito, as pessoas me conhecem e falam que meu prestígio é grande, então eu me sinto um profissional bem satisfeito em relação a recepção do povo.

Eu trabalho oito horas por dia mais ou menos. A responsabilidade do dinheiro eu passei para minha filha, ela que paga as contas, faz as despesas. Com o dinheiro que ganho às vezes eu junto e vou viajar. Aqui em casa moram comigo 5 pessoas,

Entrevista 8 (B8)

M R M S, feminino, tenho 68 anos, aposentada desde os 60 anos. Antes era perita criminal, mas hoje trabalho como governanta.

Eu procurei o emprego porque minha irmã precisava de uma segunda fonte de renda para manter um padrão de vida melhor. Eu voltei a trabalhar para não ficar parada, aposentei e já comecei a trabalhar, porque antes mesmo de aposentar eu já era requisitada aqui, que tomasse conta aqui da casa, agora fico diretamente aqui.

Existem dois desafios para conseguir emprego, primeiro a idade, e depois a capacidade, porque as pessoas duvidam da capacidade da pessoa idosa.

Quando o aposentado procura emprego vem a rejeição, mas quando eles percebem que é uma pessoa normal, tanto o “Office-boy” quanto o “Office-old” podem fazer grandes coisas como, trabalhar com muito gosto, então a sociedade aceita e acaba gostando.

Aqui no meu trabalho tomo conta da casa com todas as suas implicações, gastos caseiros, economia, isso parece fácil, mas é bem difícil, então a gente é uma espécie de faz tudo. Ver lâmpada queimada, providenciar troca, ver se o pessoal está tomando conta direito da paciente da dona que está doente. É tipo gerente da casa.

Me sinto muito bem nesse emprego. O trabalho que faço é de alguma relevância, pois esse lugar que estou trabalhando teria que ser obrigatoriamente ser ocupado por alguém, e alguém que talvez não tivesse os mesmos vínculos afetivos com a dona da casa. Em relação a antigamente quando era jovem, a parte intelectual não mudou, mas a parte física é brutal. O que fazia em cinco minutos, como subir e descer uma escada, é demorado. O corpo sente, mas a mente não.

Prestação de serviço não é por produtividade, mas quando há um bom gerenciamento, existe uma ótima produtividade.

Experiência pessoal não vale para todos, mas eu tenho uma bagagem que os outros não tem, então em qualquer situação eu passo a comandar, eu passo a dar sinal, a dizer faça isso, faça aquilo, então é um pouco difícil e até estranho porque de repente as pessoas estão na dependência do que falo. Em relação a competitividade, estou sempre orientando pessoas mais jovens,

então chega uma certa hora que eles não sabem isso, aquilo, e nessas horas minha experiência me ajuda, não que eu saiba muito, mas já vivi muitas coisas.

A experiência é uma grande coisa, uma bagagem intransferível, sabendo usá-la é uma coisa maravilhosa.

Em media trabalho 14 horas por dia, inclusive nos fins de semana. O dinheiro é gasto com despesas pessoais, ajudo meu filho que ainda não subiu no pedestal, porque ainda é jovem. Gasto com sobrinhos, filhos, gastos em geral, e viajo uma vez por ano para o exterior a lazer. Aqui em casa moro com mais duas irmãs solteiras.

Entrevista 9 (B9)

S B V B, feminino, tenho 75 anos e aposentada há 15. Sou católica e estudei até o segundo ano do primário. Antes de me aposentar era serviçal domestica, e hoje continuo no mesmo emprego.

Eu procurei outro emprego depois de aposentar porque o que eu recebia era pouquíssimo.

As maiores dificuldades quando o idoso vai procurar emprego é a idade e também a vista que não ajuda muito.

Se a gente resolve procurar emprego para não ficar parado em casa, a sociedade acha que o aposentado que trabalha está tirando o emprego de uma pessoa mais nova.

De manhã eu ajudo a dona da casa a servir café para os pobres (indigentes da rua), durante o dia trabalho na copa, tem os telefonemas para atender. O almoço também sou eu que arrumo a mesa do pessoal Depois eu dou uma descansada, e já vou receber as visitas da dona. Aí sirvo a mesa do pessoal que vem jantar. Eu sirvo comida, não cozinho, sou serviçal.

Eu me sinto satisfeita em relação ao trabalho. Antes, quando eu tinha 25-30 anos, a gente tinha mais disposição e sempre em casa de família ajudei muito em criança. Quando eu pegava serviço de ajudar as crianças eu viajava com as patroas.

Quando eu me aposentei a carteira foi dado em baixa, agora eu presto serviços.

Mesmo devido a idade acho que não tem competição, a experiência ajuda bastante,

Eu trabalho aqui a semana inteira, durmo aqui e só aos sábados eu volto para casa, e retorno no domingo. Trabalho mais ou menos uma 14 horas por dia. Gasto o dinheiro que ganho com comprinhas, coisas para arrumar na casa e um pouco na poupança. Moro só com minha irmã.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)